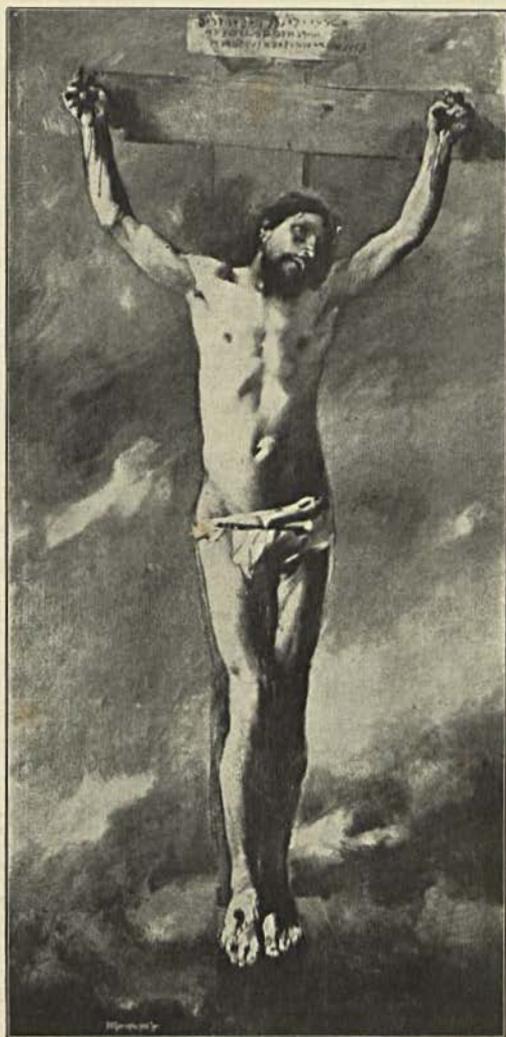


# BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1899



CRISTO DO COLUMBANO

# Chronica Electrica

**D**ESVENTURADOS, mulheres, crianças, regae-lhe com lagrimas o corpo chagado, limpae-lhe o suor da agonia, e, de manso, de manso, levantai-lhe do chão a fronte ensanguentada...

Nenhum poeta do mundo ainda até hoje foi capaz de crear um poema tão vasto, tão divino como o do Crucificado.

A Egreja, se não tivesse para consolar a miseria dos homens senão o espectáculo d'este agonisante que não blasphema, que não se insurge, e do alto do madeiro do opprobrio pede perdão para os que lhe fazem mal, fitando em um nome que não é o da terra, e com aquelles olhos celestes d'onde caem lagrimas que lavam todas as culpas e afogam todas as maguas, se não tivesse para dar aos homens senão a sublimidade d'este espectáculo, só por isso a Egreja teria sido a mais consoladora das mães, a mais terna das esposas. Se, na sua divina singeleza, o martyrio de Jesus tivesse a glorificação que lhe cabia, se no coração de todos os desgraçados deixassem cair sempre como gottas d'orvalho as lagrimas que pendem há 19 seculos dos olhos melancolicos do poeta de Nazareth, se a sua doutrina tivesse sido sempre religiosamente seguida e as palavras do seu Evangelho attendidas com fervor, se as suas maximas tão simples, resumidas na mais divina de todas: *amæ-vos uns aos outros*, e a sua palavra de apostolo, a sua vida de propagandista, a sua morte de heroe, a sua tradição de martyr, pairassem n'aquella região da veneração e do amor que deve existir em todas as almas e em todas as consciencias, Jesus seria hoje para todos o que foi nos seculos de crenças arreigadas: o poeta por excellencia, a alma de todas as religiões, o objectivo de todos os crentes, o Deus de todas as sociedades.

E hoje!

O poeta! A alma já não vibra como d'antes com as vibrações da tua poesia! O doce rhythm dos versiculos do teu Evangelho afundou-se na indifferença religiosa e na impiedade dos tempos! A grandeza das tuas concepções d'artista, para alguns não passa hoje de uma allucinação!

O martyr! Quaes são d'entre nós os que vão lavar hoje os seus delictos no sangue das tuas chagas? Que Lazaro moral se não envergonharia de ir hoje pedir á tua divindade o milagre de ressuscitar! Qual é hoje a cruz que não tenha a pretensão de se julgar mais pesada que a que tu arrastaste pelas ruas da cidade biblica? Que coroa de louros — de papélio — não desdenha hoje a coroa de espinhos que te rasgou a fronte sublime!

O philosopho! Que innovador mediocre não, acha hoje mediocre a tua obra e mesquinha a tua propaganda! O Jesus! O doce! O casto Jesus! Quem é que abriga hoje no coração com affecto, com amor, com respeito, as letras sagradas do teu nome que allumiou como o sol da terra os seculos que morreram?

Este seculo é extraordinario. Desde o teu apparecimento é sem duvida o maior na Humanidade.

Este seculo refundiu a arte, creou e aperfeicou sciencias, rodeou o homem de todos os confortos materiaes, deu-lhe todas as gradações do prazer e todos os requintes do bem estar, gerou philosophos como Spencer e Comte, poetas como Hugo e Gœthe, sabios como Darwin e Pasteur, musicos, pintores, industriaes, maravilhosos artistas, tão grandes que nunca as gerações extinctas os presenciarão eguaes, encheu de todas as sciencias, de todos os conhecimentos, o espirito do homem. Desdobrou-lhe as cordas do amor, aureolou a mulher de todos os fulgores, e fez do eterno *feminino* o luminoso encanto da mocidade!

Pois bem. Este seculo tão rico, tão prodigio, foi para o coração o mais pobre de todos. Arrançou de dentro d'elle todo um mundo — a fé christã — e não teve para dar-lhe em troca nem uma palavra, nem um affecto. E se alguma religião substituiu a das crenças no *alem*, a das esperanças illimitadas, chama-se a religião do *eu*, o egoismo interesseiro e pessoal na sua restricção mesquinha. Egoista na vida continuamos a sê-lo na morte. E assim como na antiguidade pagã se morria pela patria, nos primeiros seculos do Christianismo por Deus, na idade media pela honra, hoje o que desespera de viver entende que por si proprio pode abandonar a vida, e suicida-se.

Era o teu grande amor, ó Christo! que enchia d'antes essas corações. O teu nome era uma religião inteira, tinha lagrimas para todas as dores, balsamos para todas as chagas. A tua palavra era uma riqueza para todos os desherdados e a tua Paixão uma força para todos os miseraveis.

E hoje? Não ha muitas horas ainda que finalizou o teu martyrio e a tua agonia. Pendeu na cruz affrontosa a tua cabeça corada de espinhos, desdobrando-se ao longo do madeiro os teus cabellos ensanguentados, e a morte cerrou-te os olhos doloridos. Como tu previstae, na tua intuição divina, que o sacrificio cruento, se se consumasse hoje seria um sacrificio inutil! Nem uma lagrima de compaixão cairia no sangue do justo! Nem o vento de Jerusalem arrancaria ás palmeiras de Gethsemani o grito dilacerante da natureza, nem o pranto dos miseraveis iria avolumar as aguas do lago de Genesaretta!

Hoje, ó doce Jesus! chamar-te-hiam ingenuo os que mais te amas-

sem e até seria acolhida por muitos com indifferença a tua redemptora agonia.

Do desalentador espectáculo de hoje volvamos, porém, o espirito ao dia grande e luminoso em que ressuscitaste, ó Christo, confundindo a impiedade e purificando a terra.

Consummou-se o sacrificio. Alleluia! Alleluia! desponha uma aurora nova e a natureza, immaculada como uma virgem, dissipa com o mais diaphano dos seus sorrisos, as trevas em que se realizou o maior sacrificio de todos os tempos.

Alleluia! Alleluia! Jerusalem dorme tranquilla, cantam as aves no espaço, e o sol dardeja sobre a terra amorosa os seus raios fecundos...

Brasil-Portugal

## Tempo Santo

O NUMERO DE HOJE

**A** ARTE e á litteratura religiosa consagra hoje o *Brasil-Portugal* algumas das suas paginas, em commemoração do mais alto acontecimento que os fastos do Christianismo levam de geração a geração.

Aos dois eminentes prelados, os srs. **arcebispo d'Evora e bispo de Lamego**, que, pelos talentos, pelo caracter e pela illustração, honram o episcopado portuguez, agradecemos os directores da Revista a gentileza com que de prompto SS. Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> annuiram ao seu convite, escrevendo expressamente os artigos que damos nas paginas 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>

Arte portugueza e brasileira illustra estas paginas de honra. A primeira gravura, **Nossa Senhora da Assumpção**, reproduz uma obra prima da arte nacional: escultura de Alфонseca Lapa, que se admira na igreja de Santo Thyrsio. A ultima representa o famoso grupo **Jesus e a adúltera**, do eminente escultor brasileiro **Rodolpho Bernardelli**, director da Escola Nacional de Bellas Artes, do Rio de Janeiro, e auctor de outra escultura religiosa, também notavel, o **Santo Estevão**.

A **cruz mutilada**, do nosso grande historiador, tão repassada de poesia christã, foi expressamente illustrada para o *Brasil-Portugal* pelo lapis de **João Galhardo**, sobrinho de **Alexandre Herculano**, que tão artisticamente veio avivar a memoria do Grande Homem.

Outro artista — de nome, **Carlos Reis**, vem pela primeira vez pôr o seu fino talento e a sua arte sentida, consagrados pela opinião e pela critica em exposições publicas, ao serviço d'esta Revista, illustrando, por maneira tão suggestiva e poetica, os versos ineditos do **Conde de Monsaraz**, que com rara felicidade encontrou a forma onomatopaeica de resumir n'um quadro alentejano, toda a poesia ingenua e religiosa da gente dos campos.

Também pela vez primeira figura no *Brasil-Portugal* o nome de **Alberto Pimentel**, que ambos os paizes conhecem por numerosos trabalhos de valia em quasi todos os ramos da litteratura. O illustre escriptor e commissario regio do theatro normal, enceta n'este numero a serie de artigos que vae consagrar ás poetisas brasileiras — motivo pelo qual felicitamos as nossas gentis leitoras.

Duas paginas do actual numero são consagradas á reprodução dos **Aposentos do Doutor Alves de Sá** e ao retrato do grande advogado portuguez, que possuiue uma das mais encantadoras residencias de Lisboa, em cujas installações interiores a fina objectiva de Arnaldo da Fonseca pode colher, atravez do relampago do magnésio, os detalhes da arte propria, de bom gosto, de caprichos de mobiliario, que bastam para revelar uma individualidade, notavel entre as que se salientam na sociedade portugueza.

Muito de proposito reservamos para remate d'estas palavras o nome illustre de **Columbano Bordallo Pinheiro**, autor do admiravel **Christo**, cuja reprodução opulenta a primeira pagina d'este numero commemorativo.

E, por esta forma, procurando, á custa de todos os esforços, que cada numero exceda o anterior, os directores do *Brasil-Portugal* julgam cumprir a missão que lhes está impondo, com um acolhimento colossal, sem precedentes, o publico illustrado dos dois paizes.

## A CRUZ MUTILADA



AMO-TE, oh cruz, no vertice firmada  
De esplendidas egrejas,  
Amo-te quando á noite, sobre a campá,  
Juncto ao cypreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruceiro antigo,  
No adro do presbyterio,  
Ou quando o morto, impressa no ataudé,  
Guias ao cemiterio;  
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Núncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó:

E eu te encontrei, n'um alcantil agreste,  
meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas  
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua  
Detrás do calvo cerro. A soledade  
não te pode valer a mão impia,  
Que te ferio sem dó. As linhas puras  
Do teu perfil, falladas, tortuosas,  
oh mutilada cruz, falam de um crime  
Sacrilégio, brutal e ao impio inutil!  
A tua sombra estampa-se no solo,  
Como a sombra do antigo monumento,  
Que o tempo quasi derrocou, truncada  
no pedestal musgoso, em que te ergueram  
nossos avós, eu me assentei. Ao longe,  
Do presbyterio rustico mandava  
O sino os simples sons pelas quebradas  
Da cordilheria, annunciando o instante  
Da *ave-maria*; da oração singela,  
mas solemne, mas sancta, em que a voz do homem  
Se mistura nos canticos saudosos,  
Que a natureza envia ao céo no extremo  
Raio de sol, passando fugitivo  
na tangente d'este orbe, ao qual trouxeste  
Liberdade e progresso, e que te paga  
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja  
Até, na solidão, o esquecimento!

Foi da sciencia incredula o sectario,  
Acaso, oh cruz da serra, o que na face  
Alfrontas te gravou com mão profusa?  
não! Foi o homem do povo, a quem consolo  
na miseria e na dôr constante has sido  
Por bem dezoito seculos: foi esse  
Por cujo amor surgias qual remorso  
nos sonho do abastado ou do tyranno,  
Bradando — *esmola!* a um — ;  *piedade!* ao outro

Oh cruz, se desde o Golgotha não fóras  
Symbolo eterno de uma creença eterna;  
Se a nossa fé em ti fosse mantida,  
Dos oppressos de outr'ora os livres netos  
Por sua ingratitude dignos de opprobrio,  
Se não te amassam, ainda assim seriam.  
Mas és núncia do céo, e elles te insultam,  
Esquecidos das lagrimas perennes  
Por trinta gerações, que guarda a campá,

Vertidas a teus pés nos dias torvos  
Do seu viver d'escravadio! Deslumbram-se  
De que, se a paz domestica, a pureza  
Do leito conjugal bruta violencia  
não vai contaminar, se a filha virgem  
Do humilde camponez não é ludibrio  
Do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem;  
Que por ti o cultor de ferteis campos  
colhe tranquillo da fadiga o premio,  
Sem que a voz d'um senhor, qual d'antes, dura  
Lhe diga — «é meu, e és meu!» A mim deleites,  
Liberdade, abundancia: a ti, escravo,  
O trabalho, a miseria unido á terra,  
Que o suor d'essa fronte fertiliza,  
Emquanto, em dia de furor ou tédio,  
não me apraz com teus restos fecundá-la.»

Quando calada a humanidade ouvia  
Este atroz blasphemar, tu te elevaste  
Lá do oriente, oh cruz, envolta em gloria,  
E bradaste, tremendo, ao forte, ao rico...  
«mentira!» e o servo levantou os olhos,  
Onde a esperanza scintillava, a medo,  
E viu as faces do senhor retintas,  
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista  
Trépida, vaga. A cruz no céo do oriente  
Da liberdade annunciara a vinda.

Debalde o servo ingrato  
No pó te derribou,  
E os restos te insultou,  
Oh veneranda cruz:

Embora eu te não veja  
Neste ermo pedestal;  
E's sancta, és immortal;  
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas  
Gravou-te a mão de Deus,  
E, á noite, fez nos céos  
Teu vulto scintillar.

Os raios das estrellas  
Cruzam o seu fulgor;  
Nas horas do furor  
As vagas cruzá o mar.

Os ramos enlaçados  
Do roble, choupo e til,  
Cruzando em modos mil,  
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro  
Os braços, sóta um ai,  
Pára, vacilla, e cái  
Para não mais se erguer

Crusado aperta ao seio  
A mãe o filho seu,  
Que busca, mal nasceu,  
Fontes de vida e amor.

Surges, symbolo eterno,  
No céo, na terra e mar,  
Do forte no expirar,  
E do viver no alvor!

ALEXANDRE HERCULANO



# TEMPO SANTO

## O CRUX, AVE, SPES UNICA!

(Em Sexta-feira Santa)

(INEDITO)

**A**vê ó Cruz, astro benéfico, esteio da fé, fanal da esperança, symbolo do amor!  
Avê estandarte gloriosissimo, columna indestructivel, sceptro incomparavel!  
Avê, ó Cruz! Como é doce achar abrigo em teus braços n'este dia de tristeza e luto! Como é

bom contemplar-te erguida, qual pharol de bonançaço porto, em meio d'este mar de lagrimas! Como é consolador recordar teus triumphos, relebrar tuas victorias!

Avê ó Cruz! Tu, ó lenho benedicoado, apagaste a iniquidade e trouxeste á terra a justiça. Tu, ó arvore preciosa, ó arvore da vida, opulentaste o mundo de teus aureos fructos. Levantaste os fracos e os pequenos, quebraste as algemas do escravo, reconstituiste a grande unidade da familia humana; substituiuiste á ignorancia e ás trevas a verdade e a luz, á cubiça e ao odio a fraternidade e o amor; reconciliaste a opulencia com a miseria, harmonisaste a liberdade com a auctoridade; rehabilitaste a mulher, amparaste a infancia, sanctificaste a pobreza, enxugaste o pranto do orphão e suavisaste o desconforto da viuva, ennobreceste o matrimonio e geraste a virgindade, supplantaste o imperio do mal e estabeleceste o reinado da virtude; desapertaste-te em clarões de ridentissimas auroras e em florescencias de dias vernaes; salvaste da degradação e da ruina a humanidade inteira; insufflaste uma vida nova no canceroso corpo social; fizeste surgir do solo esses institutos de beneficencia que a antiguidade pagã nem sequer sonhára; cobriste com tua sombra carinhosa todas as angustias e todos os soffrimentos; protegeste as sciencias, as letras, as artes; foste a ala-



Andor em Sevilha, desenho de Doré

vanca potentissima do verdadeiro progresso, que é o progresso do bem; foste o berço auspicioso da genuina civilisação, que é a civilisação christã! E como te pagou o mundo todos estes beneficios sem conto e sem preço?... Ai! ludibriaram-te, cuspiram-te, rojaram-te no pó, arrastaram-te no lodo os homens ingratos, ó Cruz Sacrosanta! mas os teus inimigos desapparecem na voragem faminta do tempo; os seus cadaveres corruptos vão servir de pasto aos vermes; e tu continuas ainda e sempre a brilhar no horizonte do orbe; tu não cessas de alumiar nossas cegueiras e curar nossas miserias. Que importa que em torno de ti ruja furiosa impiedade? Tu permaneces erguida e incolume, como a columna de Phocas entre os escombros do *forum* romano!

Sê para sempre bemdita, ó Cruz! Sê perpetuamente glorificada!

Ai! que seria do mundo, sem a tua sombra protectora?... Em que temeroso abysmo, em que espantoso cahos se subverteria, espedaçada e confundida, a progenie humana, no dia em que lhe faltasse o fulcro de teu tronco inabalavel?... Mas tu és eterna: tu reinas, tu vences, tu imperas; porque em ti reina e vence e impera o Christo, que com tanto amor te abraçou! *Christus regnat, Christus vincit, Christus imperat!*

Sê mil vezes bemdita, ó Cruz! Só em ti espero, só em ti confio: *O Crux, ave, spes unica!*

27 de março de 1899.

✠ AUGUSTO, ARCEBISPO D'EVORA



Interior da igreja de S. Francisco, Porto

## JUDAS

(INEDITO)

**D**e tantos crimes nefandos, que a corrupção e o orgulho tentam diariamente defender, só a traição d'um amigo não encontrou, até hoje, um unico apoloquista! Nunca, porém, os lamentos da amisade traída excitaram maior indignação, nem fizeram correr mais lagrimas, como depois d'aquella hora maldita, em que o melhor dos amigos, perseguido pelo odio infernal dos homens, a quem amava, se viu exposto ás maximas affrontas, e entregue á morte na cruz.

O discipulo ingrato, que, em troca de uns miseros dinheiros, e no momento em que ouve, dos proprios labios divinos, o doce nome de amigo, transforma o signal carinhoso de sincero amor em senha indicadora do *Mestre*, que vendia para o patibulo infamante, e assim, com o sello do terno affecto, completa a detestavel perfidia, foi sempre abominado, punido, com o desprezo geral, e considerado a mais abjecta e revoltante incarnação da avaresa mesquinha. Apesar, todavia, do horror, que inspira traição tão execrada, em semelhante contracto, e da firmissima crença que nós, os christãos, devemos ter em o nosso amado salvador, Christo Jesus, não é infelizmente Jerusalém a unica testemunha dos seus opprobrios, nem o Calvario o theatro das suas ultimas dôres. Constantemente as renovamos, ha quasi dois mil annos, pela triste condição da natureza huma-



Beijando o pé do Senhor



Jesus e a adúltera, de Bernardelli

26 de março de 1899.

✠ ANTONIO, BISPO DE LAMEGO.



Nossa Senhora d'Assumpção



Sermão da quaresma

## POETISAS BRASILEIRAS DA ACTUALIDADE

I

## Aurea Pires



Alberto Pimentel

COMPREHENDO que os moços se apaixonem pelo retrato d'esta linda creança, e que os velhos sintam, mais que nunca, saudades d'esse «paraiso perdido», que se chama — mocidade...

Cabello negro e ondedo; olhos grandes, quebrados n'um langor luminoso como o disco do sol quando nasce sobre o mar insondavel; supercilios arqueados e firmes, que raras vezes fallam como indicio de um caracter leal e energico; boca pequena, que é nas mulheres uma rosa onde as palavras e os beijos se perfumam. Vinte e tres annos apenas: o frescor calido de uma aurora dos tropicos. E

alem de tudo isto, o talento aquecido n'essa fornalha da inspiração, que se chama a America do Sul, e educada no silencio contemplativo do sertão, onde a natureza estabelece com a alma do poeta dialogos infinitos e profundos, mais tennes do que o memorejar de um colibri.

O que principalmente fala no sertão é o silencio formidavel...

E o nome? *Aurea*. De ouro; como aquelle famoso calculo de Meton que os athenienses mandaram gravar nas paredes do templo de Minerva.

Nasceu esta adoravel creatura em Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro, a 2 de fevereiro de 1876. Seus pais: Trajano Augusto Pires; D. Dionysia Maria da Fonseca Pires. Sahi muito nova da sua terra natal e foi em Barbacena, provincia de Minas, que recebeu, no spectaculo grandioso do sertão americano, a vertigem dos primeiros extasis, a inspiração dos primeiros versos.

Fui creada no sertão,  
Portanto sou sertaneja  
Minha musa só barpeja  
No seio da solidão

Da precocidade do seu talento poderá dizer-se sem lisonja que principiou por onde os outros acabam. Aos quatorze annos compoz um soneto impeccavel; qualquer dos bons, dos melhores poetas de um e outro hemispherio se dignaria subcrevel-o:

## IMPOSSIVEL

E' meio dia. A' luz de um sol ardente  
Aqui e alli um colibri voletta.  
A brisa passa vagorosamente  
Por sobre a relva que no chão viceja.

Agora o sino despertou plangente  
Lá de uma torre da vetusta egreja,  
Responde o echo seu gemer cadente,  
E um som tristissimo pelo espaço adreja!

Eu vejo os sylphos, do caminho estenso,  
Tribu mimosa prasenteira e esquia  
Que se espansia pelo prado immenso.

E nunca tive magua assim tão viva!  
— E' que sou presa do desejo intenso  
De ser senhora de quem sou captiva!

Um anno depois, em 1891, apparecia no *Leste de Minas*, semanario que se publicou em Barbacena, outro soneto, onde é facil contar quatorze perolas e quinze annos entezourados no mesmo escriptorio:

## SAUDOSA

(A' MINHA MADRINHA D. MARIA F. MENONÇA MANGUON)

A tarde vai fugindo fresca é amena,  
E o sol seus louros raios espalhando,  
Ao triste modular da doce avena,  
No dourado horizonte vai tombando!

Aqui e alli voletja uma phalena...  
E as rolas levemente esvoaçando  
Por entre as alvas folhas da açucena,  
Vão seus ninhos nas moitas procurando.

Eu na tocca janella reclinada,  
Vendo a noite que desce tristemente  
Lá do cimo da serra alcantilada,

Recordo-me de ti, que estás ausente!...  
E pela minha face amargurada  
O pranto vai rolando lentamente!

Não podia fallar esta aurora que era uma promessa; esta promessa, que era uma aurora.

Tenho diante de mim o primeiro livro de versos d'este peregrino talento de mulher, que ha de vir a causar assombro na litteratura brasileira. Intitula-se *Flores de neve*, e é prefaçado pela distincta escriptora D. Ignez Sabino, que se dignou honrar-me gentilmente querendo associar o meu nome ao seu ultimo romance *Luctas do coração*.

*Flores de neve* fazem lembrar sinceiros rendilhando de pedras fulgidas um coração ardente e sonhador, uma alma atormentada e incomprehendida, nostalgia de um mundo ideal, que tem desesperado todos os poetas na successão eterna dos tempos e na determinação geographica de todas as latitudes.

Quando en parti, minh'alma aberta em chagas  
Partiu tambem, seguindo a minha sina.  
— Corri florestas, solitarias fragas,  
Buscando alivio á dor que me domina.

E' depois de rever longuissimas plagas  
Onze brinquei quando era pequenina,  
Olhando o mar, que as transparentes vagas  
Entornavam na praia atabastrina;

Depois de vêr cidades populosas,  
Palácios, cathedras maravilhosas,  
Jardins floridos como eu nunca vi;

Voltei, sentindo o mesmo horror ao mundo,  
Trazendo n'alma o mesmo mal profundo  
A mesma angustia que level d'aqui

Que ella me perdõe, a linda poetisa brasileira, que eu abençoo a tortura da sua alma, onde fructos de ouro sazonam como os d'este livro e os que eu tenho a ancia de colher no seu prometido poema e nos seus dois novos livros de lyricas, já annunciados no *Almanach de Juiz de Fora*, que me trouxe o ultimo paquete.

Sou tão regalado com a offerta de publicações do Brasil, que me sinto cada vez mais interessado pela litteratura d'esse grande paiz, onde a alma dos poetas parece não cançar-se jámais de cantar como a espuma sonora dos cachoeiros, e de brilhar como os lumes vivos do «cruzeiro do sul».

A adoravel auctora dos *Flores de neve* teve comigo a galanteria de pedir a minha opinião sobre o seu livro. Eil-a aqui traçada com a firmeza de um caracter rebelde á lisonja: o seu livro, minha senhora, é tão bello, que eu chego a confundir-o com o seu retrato.

Não sei dizer melhor o meu pensamento.

Lisboa — 1892.



Aurea Pires



A Afurada

## A VIDA DE JESUS

Chamaram-te a esperança do futuro.  
E tu, meu bom Jesus immaculado,  
Sentias-te feliz, embriagado,  
N'essa doce ilusão de um sonho puro!

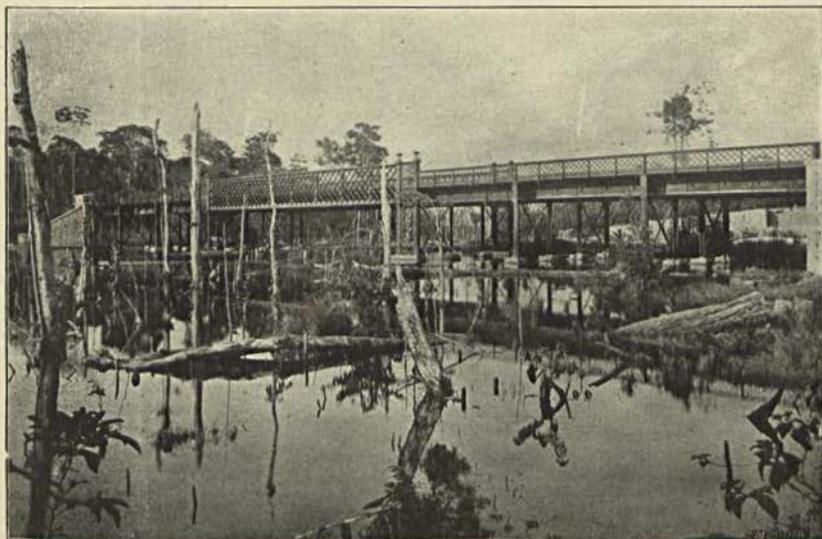
Atravessaste a vida, humilde, obscuro,  
A phantasiar o advento de um reinado  
Que nunca ninguém viu realiado:  
Traço ideal de luz, n'um fundo escuro!



Foste no mundo a candida innocencia,  
O simbolo do amor e da piedade,  
Da perfeição, emfim, a ultima essencia!

Mas para que serviu tanta bondade  
E tanto sacrificio, se a Consciencia,  
Qual d'antes era, é cheia d'impiedade?

SIMÕES DIAS.



MANAOS — Ponte da Cachoeira Grande

# Chronica d'outros tempos

## AS TOIRADAS

### II

D. Nicolau Fernandez de Moratin diz ser opinião sua que quem primeiro alanceou toiros, a cavallo, foi o Cid Campeador, o guerreiro que a historia qualifica de um simples *condottiere*—mais atrevido e tambem mais perido que os outros—, mas que a imaginativa popular converteu n'um heroe legendario, n'um typo de honra cavalheiresca, de lealdade ativa e serena, n'um idolo do patriotismo.

Sabe-se que durante o reinado de Afonso VI houve umas festas publicas nas quaes foram corridos dois porcos (!) por dois homens de olhos vendados. Cada qual, com um pau na mão, procurava alcançar o suino, e, se lhe tocava, era seu.

Francisco de Cepeda (!), porém, affirma ter encontrado em velhas memorias, que no anno de 1100 se corriam toiros em festas publicas, *espectaculo solo de España*. Um cartaz que, em abril de 1763, annunciava as corridas sevillanas dizia:—«Dios quiera que se ejecuten sin la menor desgracia, recordando a los aficionados a esta diversion contamos desde las primeras fiestas publicas en España 603 años» (?).

O entretenimento das toiradas continuou até ao reinado de D. João II, que, sobremaneira, presava as diversões, percorrendo toda a gamma dos recreios, desde o trovar e do cantar ao dançar com a elegancia archaica do nosso D. Pedro I—cujo amor por Terepicho se converteu n'um *cliché* historico, que é vulgar reproduzir. Nessa epoca, a corrida hespanhola transmutou-se n'um torneio, n'uma galanteria cavalheirosa. E os nobres cavalleiros castilhões em vez de irem quebrar lanças contra um rival coberto de ferro, nos torneios ou nas justas em campo cerrado, iam, por um sorriso da sua dama, afrontar as iras do toiro. Conjectura-se que então se principiaram a edificar praças fechadas, e se construiu a de Madrid, cujos primeiros arrendatarios foram judeos.

O trato frequente com os mouros de Granada, tanto na paz como na guerra, era muito antigo. E a rivalidade entre o grande armorial masculino de Castilla e os senhores mourosicos levou este divertimento ao apogeu.

A Edade-Media não teve espectaculos mais amados e mais seguidos do que os torneios, as justas e os passos d'armas, em que o homem reforçava os musculos para a guerra. A corrida de toiros tendia ao mesmo fim. Mas a invenção da polvora e as modificações experimentadas pela arte militar tornaram inuteis a maior parte d'aquelles jogos, porque a força physica deixou de ser o principal factor da victoria nos combates. E a corrida de toiros passou a ser, simplesmente, um numero no programma das festividades publicas.

A tauromachia proseguiu no tempo dos reis Catholicos, e tão arraigada estava, que Izabel a Catholica, sua inimiga fidalga, não se atrevia a prohibil-a, conforme declarou na carta ao seu confessor, Fr. Fernando de Talavera, em 1493. Chegou a ordenar a embolgação dos toiros, mas, mais tarde, usando de um direito que só a mulher tem—o direito de não ser logica, consentiu corridas de toiros *em hastes limpas*.

Florian conta n'um romance (?) que a rainha Izabel, procurando distrahir a ardidia mocidade que terçava armas no cerco de Granada, mandou levantar vasto amphitheatro, onde, sob um céu de nitido esmalte, o exercito e a cõrte desfructavam toiradas. Ahi, os jovens chefes, sem couraça, trajando apenas um simples fato de seda, armados de lança e montados em rapidos corceis, luctavam com toiros bravissimos; os soldados de pé, segurando um panno vermelho n'uma mão e uma frecha na outra, coadjuvavam os adais. A soberana conferiu uma corõa ao vencedor n'um d'estes combates, corõa que elle recusou, por se julgar suf-

ficientemente premiado com a flor de laranjeira, atirada ao circo pela mão estreita da sua noiva.

Carlos V typificou o completo *aficionado*. O senhor de um imperio, *onde o sol nunca se punha*, algumas vezes desceu a arena. E não foi sómente por um ligeiro capricho da mocidade, porque, quando se realisaram os festejos, celebrando o nascimento de seu filho Filipe, matou um toiro com uma lança na praça de Valladolid. Filipe II, o monarcha taciturno que resvalou ao esgoto da Historia, preferiu a tudo a banalidade fudebre dos monges entre os muros sombrios do Escorial, cinedella do tedio,

Débauche de granit du Tibère espagnol.

Com Filipe III desenvolveram-se as festas ostentosas, as intrigas cortezãs, as aventuras galantes. Em 1610 renovou a Plaza Mayor, onde se deram as toiradas reaes. Quando veiu a Portugal, fez-se acompanhar pelo alguazil e picador Pedro Vergel, destemido e garboso rapaz, a quem Lope de Vega dedicou a sua tragi-comedia, *El mejor mozo de España*, dizendo no prefacio que lh'a offerencia por ser *el mejor mozo de España*, exceptuando o rei (!). Vergel picou n'uma das corridas que se deram em Lisboa para festejar a vinda do intruso. Portou-se com galhardia, matando dois toiros (?). O satyrico conde de Villamediana epigrammatisou-o cruelmente:

Fiestas de toros y canas  
Hizo Madrid á su rey,  
Y por justissima ley,  
Llenas de ilustres hazanas.

Qué galan que entró Vergel  
Con cintillo de diamantes!  
Diamantes que fueron ántes  
De amantes de su mujer.

Mal gobierno fué por Dios,  
Sabiendo que se embaraza  
La fiesta, echar en la plaza  
Los toros de dos en dos.

De otras armas te apercebe,  
Toro, para tu defensa,  
Que á Vergel no hacen ofensa  
Cuernos, pues con ellos vive.

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

(<sup>1</sup>) Citado por Moratin na *Carta Historica*, etc. (<sup>2</sup>) A. Fernandez de los Rios. *Guia de Madrid*, pag. 378, nota. (<sup>3</sup>) *Gonzálee de Cordoue*, pag. 136 a 138. Tomo vi das Obras de Florian. (<sup>4</sup>) *Biblioteca de Autores Españoles*. M. Rivadeneira. 1857. Madrid. Tomo xli. (<sup>5</sup>) *Illustracion Espanola y Americana*. N.º xxxi de 1897.



N'uma exposição pecuaria.  
O presidente para o regente da banda:  
— A banda só toca quando entrar o ministro. Sem elle chegar não se pôde inaugurar a exposição de animaes.

Entre amigas.  
— Dou-me muito bem com meu marido. Tem um genio muito bom e muito equal...  
— O do meu é tambem muito equal—sempre insupportavel.

N'uma visita de pezames. A sogra da defunta chora a bom chorar.  
A visita: Tão boa, coitadinha! e tão nova ainda! Não tinha mais de vinte e cinco annos!  
— Tinha trinta—interrompeu a sogra que continuou chorando a bom chorar.

Viajar é bom não só porque dilata as ideias, mas sobretudo porque abate o amor proprio.

SAINT-BEUVE.

Ha casos em que é a palavra que faz tudo.

DUQUE DE BROGLIE.

Não ha muralha tão forte como a do patriotismo.

Sujeitar a liberdade da imprensa, é diminuir a elevação d'um povo.

# AD PETENDAM PLUVIAM

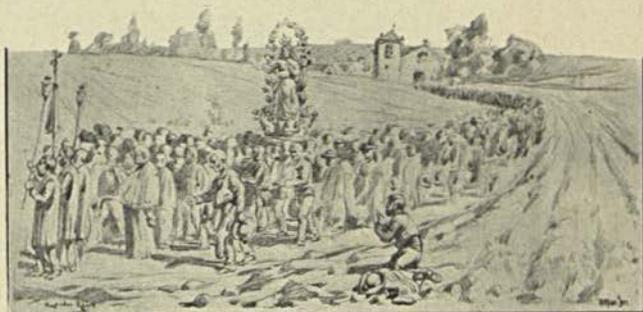
(INEDITOS)

T LÃO! tãõ! tãõ! tãõ!  
Vae pelos campos  
A procissão,  
Que Deus mande agua  
Por compaixão:  
Desmaia a vinha!  
Mirra-se o pão!  
E a terra é secca  
Como o carvão!

O povo leva  
Com devoção  
Nossa Senhora  
Da Conceição,  
De monte em monte,  
Por onde estão  
Velhos de rastos,  
Olhos no chão,  
E as mãos cruzadas  
Em oração.

Choros e rezas  
E' tudo em vão;  
Nossa Senhora  
Quer procissão!  
Ella tem tudo  
Na sua mão;  
E' quem mais manda  
No céu christão;  
Vamos ter chuva,  
Até mais não ...  
Não acreditam?  
Verão, verão!

Dobram os sinos  
Tlão! tãõ! tãõ! tãõ!  
Foguetes, bombas,  
Que reinação!  
Padres de estola  
Mascando vão



Latim na solfa  
Do cantochão,  
E o incenso em nuvens  
Pela amplidão,  
Cheira que é uma  
Consolação!

O padre Vasco  
Prégou sermão  
Contra a notoria  
Devassidão;  
Calor na egreja,  
Muito apertão,  
Desmaios, gritos,  
Ai que afflicção!  
Se isto é castigo,  
Se é maldição,  
Deus nos acuda  
«Perdão! perdão!»

Por entre as searas  
A multidão  
Vae murmurando:  
«Perdão, perdão»  
E o prior velho,  
Erguendo a mão,  
Agita o hyssope  
Da remissão,

Com agua benta,  
Cuja aspensão  
Orvalha o trigo,  
Mais o feijão.

E a Virgem Santa  
Da Conceição,  
Manto de seda,  
Brincos, grilhão,  
Anneis de pedras  
De estimação,  
Laços e flores  
Em profusão,  
Lá vae sorrindo  
Com tal unção,  
Com tanta graça,  
Tanta expressão,  
Que todos crêem,  
Sem distincção,  
Que vão ter agua!  
Que vão ter pão!

MACEDO PAPANÇA.

(Conde de Monsaraz)

# Armazens de Adriano Ramos Pinto



Adega

A GRAVURA que publicamos da casa d'este conceituado commerciante portuense tem por fim dar aos leitores do *Brasil-Portugal* a impressão grafica de um dos mais importantes e prosperos estabelecimentos do nosso paiz. Adriano Ramos Pinto, prototypo do negociante illustrado, activo e trabalhador, é um dos nomes mais conhecidos na classe commercial do Porto. Esmeradamente educado, tendo viajado muito, ao credito da sua casa consagra um verdadeiro culto, gosando os seus vinhos de grande fama nos mercados brasileiros e africanos.

O *Brasil-Portugal* tem sempre a maior satisfação em poder, como agora, prestar homenagem aos merecimentos de cidadãos que, como Adriano Ramos Pinto, honram a classe a que pertencem e são elementos de prosperidade e credito para o paiz.



Engarrafamento e escaixotamento de vinhos

## DR. JULIO HENRIQUE DE MELLO E ALVIM

(NOVO MINISTRO DO BRASIL EM LISBOA)

Não nos é completamente estranho o novo diplomata que no nosso paiz vem representar os Estados-Unidos do Brasil, porquanto ha 3o annos que o sr. Mello Alvim exerceu em Lisboa as funções de secretario da legação brasileira.

E' como se vê um diplomata de carreira.

O primeiro despacho da sua carreira data de 1850, nomeando-o addido de 1.ª classe para o Uruguay, onde permaneceu durante 15 annos, passando á Republica Argentina onde esteve 12 mezes, regressando em 1863 ao Uruguay.

Em 1868 foi nomeado secretario da legação para Lisboa, onde esteve até 1873, anno em que foi nomeado encarregado de negocios para a Columbia, e ao mesmo tempo no Perú. Em

1884 foi promovido a ministro para a Bolivia. Chegando a esta culminancia da carreira diplomatica, foi successivamente ministro na Austria, no Mexico, no Uruguay e no Chili. Foi d'este ultimo paiz que veio para Portugal, onde certamente fará brillar entre nós as scintillações do seu bello espirito e formoso talento.

Publicando o seu retrato, o *Brasil-Portugal* saúda o representante da nação brasileira, prestando-lhe assim a homenagem devida.



Dr. Mello e Alvim



Lorjô Tavares

O nosso companheiro de direcção, tão estimado pelo seu valor pessoal, tão notavel pelas suas qualidades de trabalhador infatigavel, que no theatro e na imprensa tem por tantas fórmas revelado faculdades não vulgares, acaba de partir para o Brasil com o fim de lançar por uma propaganda activa nos principaes Estados da Republica esta Revista, á qual está consagrando todas as horas de pensamento e de trabalho.

Os seus collegas que empenham como elle sacrificios e esforços para que o *Brasil-Portugal* seja no futuro o que no principio *quizeram* que fosse, acompanham-no em espirito pelas terras hospitaleiras e longiquas, que o hão de acolher como elle merece pelos primores da educação e do caracter, e pela ideia de confraternidade e de estreitamento de relações entre os dois povos amigos, que presidiu ao programma do *Brasil-Portugal*.

Publicando n'estas paginas o retrato de Lorjô Tavares prestamos uma homenagem justa e merecida ao companheiro ausente.

## A PESCA DO ATUM

Pastel de El-Rei

ENTRE magnificos trabalhos apresentados este anno nas salas do Gremio Artistico, *A pesca do atum*, esplendido pastel de El-Rei, é sem duvida o *clou* da exposiçáo.

Vida, movimento, perspectiva e fidelidade do assumpto, tudo se encontra reunido n'este bello trabalho cujo *ensemble* é delicioso e completo, revelando nitidamente a educação artistica do illustrado soberano portuguez.



O levantar de uma armação do atum (Algarve)

# Salões, Ateliers, Interiores

## OS APOSENTOS DO DOUTOR ALVES DE SÁ



Doutor Alves de Sá

A INDIVIDUALIDADE do eminente advogado, que é uma glória do fóro português, e cujo retrato honra hoje esta página, é tão vastamente conhecida nos dois paizes onde se fala a lingua que lhe tem dado tão assignalados triumphos oratorios, que superfluo seria o biographal-a n'este logar.

Desde a Universidade, que lhe deu o grau de doutor, premiando com justiça o brilhante academico que, por excepções facultades, se salientara entre os seus condiscipulos; até as glorias da palavra conquistadas dia a dia e palmo a palmo nos tribunaes de Lisboa, a existencia do doutor Alves de Sá pôde apontar-se como modelo de trabalho, de valor, de orientação, de honestidade, e por todas estas qualidades, de triumpho.

Mas não é somente por se agruparem n'elles essas facultades, bastantes para encherem e coroar a vida de outro homem, que o *Brasil-Portugal* lhe consagra hoje estas paginas. E, e sobretudo, porque, além de tudo isto, elle é um grande artista, um artista de raça.

Feixe de nervos, mas tão bem dispostos e conjugados, que decerto a natureza se comprouve em mostrar n'este exemplar da Especie que a intelligencia mais fina, o bom senso mais pratico, a orientação mais segura e o methodo mais rigoroso, se podem harmonisar por completo com a organização nervosa mais excitavel e irrequieta. E só assim se explica bem que o casuistico eminente e o profundo jurisconsulto, que tem implantado no Direito todas as modernas acquisições das sciencias, seja simultaneamente, pintor, musico, aguarellista, escultor, aquafortista, e tão accentuadamente evidenciado em qualquer d'estas ramificações da grande Arte, que, se não fossem as occupações profissionais d'este trabalhador emerito, em qualquer d'ellas seria *alguem*, teria um nome, alcançaria a fama. Para conquistar-lhe a de pintor, por exemplo, bastariam esses dois retratos a oleo, que são duas obras de arte: o de sua mãe e o de seu pae, que se vêem no escriptorio de advogado.

### Residencia

A residencia do doutor Alves de Sá, na rua de S. Caetano em Buenos Ayres, ao meio de um vasto e verde parque, dominando o Tejo e grande parte da cidade, é uma das mais encan-



Atelier



Gabinete de trabalho

carvões, esbocetos e aguas fortes *signées* Alves de Sá, retratos de amigos que o visitam, incompletos a maior parte, porque só algumas horas lhe deixam os sabbados para esse trabalho especial, *bibelots*, faianças, bronzes, etc. o que constitue a decoração d'esse *atelier* original.

Logo á esquerda, ao entrar, uma bella obra de arte: modelo da estatua de Dumas, pae, assignado. Carrier Beuux. A estatua em mármore, que a gravura representa ao centro, é o *Satyro*, de Comte d'Épinay. Vê-se n'esta sala, em que o mobiliario inglez apresenta alguns dos seus melhores specimens, o famoso quadro *Reve d'amour*, de Balaca, pintor da historia de Hespanha, uma agua forte de Manet—*Os giganos. Uma tarde no Ribatejo*, de Jayme Verde, bronzes, faianças, porcelanas, um magnifico armario japonex contendo preciosos *bibelots*, e cofres de prata artisticamente cinselados, dentro dos quaes se encerram os trabalhos forenses de causas que o dr. Alves de Sá defendeu—offertas de clientes felizes. Notam-se os *fauteuils* que guarnecem esta sala por serem cobertos de admiraveis cubatas chinezas, trazidas directamente da China pelo sr. Thomaz Rosa, depois do tratado de commercio com aquelle paiz. O lustre e o espelho de Veneza são dois exemplares magnificos e os reposteiros de colchas antigas completam o bom gosto que presidiu á disposição d'esta sala.

### Sala de jantar

E' a mais severa, a mais encantadora e a mais artistica de quantas salas constituem a opulenta residencia da rua de S. Caetano. Todos os moveis são em talha Renascença, par-

tadurus de Lisboa. A pequenina gravura que fecha esta pagina representa um dos seus aspectos. O desenho exterior do elegante palacete é do engenheiro Candido de Moraes. Toda a architectura interior, todas as divisões da casa, construída ha seus oito annos apenas, devem-se ao risco, á direcção, e ao bom gosto do seu proprietario.

### Atelier

Penetramos nos dominios do artista. E ahí que elle passa, na *recherche* do bello, todo envolvido na arte, as raras horas que lhe deixam vagas os trabalhos do fóro. Afastada e silenciosa, essa sala presta-se maravilhosamente ás mais delicadas locubrções do espirito artistico, e elle, exemplarissimo chefe de familia, quando se recolhe a esse pequeno musico de arte, isola-se por tal forma, que até as pessoas mais queridas, se tentarem penetrar lá, encontram como barreira, como se lá estivesse gravado, o *Lasciate ogni speranza*, do florentino.

Pelas paredes, ao longo dos frisos, inscripções de poetas, de philosophos, de prophetas, de dramaturgos, mostram a orientação espirital de Alves de Sá. Inscendo trechos de livros celebres na sua casa de trabalho artistico, quiz elle imitar a decoração oriental, fazendo falar as paredes. Assim, lá se encontram os nomes de A. Comte, Dumas, filho, Bourget, A. Daudet, Richopin, Yauvenargues, Montaigne, La Rochefoucault, Victor Hugo, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Goethe, Isais, Apelles. A nossa gravura reproduz ainda parte da parede central onde se vê a inscripção, como n'uma taboa de bronze gravada, do genial Comte, sobre a influencia do positivismo na arte moderna. E, por toda a parte, n'esta adoravel mansão do espirito, objectos de arte, que parecem despertar do seu repouso quando os sons do piano ou do orgão, vibrados pelos dedos convulsos do artista, enchem de harmonia e de vida essa casa até ahí silenciosa. Uma cabeça admiravel de Lupi, esboços de Silva Porto, desenhos a lapis de Boucher e Henri Regnault, uma vacca de Jayme Verde, e cofres de prata artisticamente cinselados, dentro dos quaes se en-

### Sala de recepção



Sala de recepção



Sala de jantar

servam o estylo Renascença, a que alias obedece rigorosamente esta sala, uma das mais bellas e caracteristicas que temos visto.

### Gabinete de trabalho

Estamos em presença de uma obra d'arte. E' o retrato da mãe do grande advogado no momento em que elle o está concluindo. Essa tela superior, que honraria um mestre da pintura moderna, encima hoje a cadeira de trabalho d'este pequeno gabinete, logo á direita, quando se entra no palacete de Buenos Ayres. Espalhados aqui e ali, variados desenhos firmados pelo seu nome, e uma deliciosa escultura em barro, tambem com a sua assignatura, lembranças intimas offerecidas—por aquelles que tendo contido um dia a este grande advogado a defeza do seu nome e da sua honra, são hoje os seus amigos mais fieis e mais devotados.



Residencia

te d'ella rigorosamente authentica, e a outra executada sob a direcção do illustre advogado, que presidiu tambem á disposição decorativa d'essa esplendida casa.

O vitral representa a *Dante des fiançailles*, magnifico desenho de Olivier Messon que existe no Louvre; os caixotes do tecto, em talha tambem, foram feitos sob o desenho de Columbano, assim como as duas sobreportas e o severo portal que deita para a sala de recepção. O centro d'este tecto original é uma grande tela de Columbano, cujas figuras têm uma prodigiosa expressão de vida. E' d'este grande artista todo o desenho da sala, á excepção dos moveis. A mesa, muito original tambem, foi expressamente feita sobre um desenho de Jayme Verde e as cadeiras, obra prima de Leandro Braga, o incomfundível artista que por tantas residencias opulentas deixou manifestações do seu talento creador, con-

# Caminho de ferro de Lobito-Benguella á fronteira de Angola



ENTRE as propostas de lei apresentadas ao parlamento pelo administrador da marinha, a que mais se salientou pela sua importância e importância politica e economica foi, sem duvida, a que se refere ao caminho de ferro de Benguella.

A provincia de Angola, tão intimamente ligada á economia da nação por ser o mais importante mercado consumidor da produção da industria nacional e pela riqueza da sua exportação para a metropole, tem corrido notavelmente para salvar o paiz de gravissimos embaraços na grave crise que tem atravessado.

Este um facto economico, comprovado pela estatística irrefutavel, e um ensinamento para os descrentes, se ainda os ha, que pouco confiavam no progresso colonial como factor de primeira importancia para a solução do grande problema nacional: o resurgimento economico da nossa querida patria.

Por isso que tem valor e grandioso futuro, pretende a cobiza de estranhos explorar Angola, como já explora Moçambique, em proveito proprio, procurando, avidamente e por variados processos, reduzir a area do nosso dominio e desviar dos nossos mercados as comitivas commerciaes.

Pelo norte é o caminho de ferro do Estado Independente do Congo a deixar-se pender para o sueste, em demanda da nossa fronteira da Lunda. Pelo sul a Alemanha, talvez de accordo com a Inglaterra, projectando um caminho de ferro dependiosissimo, através do deserto, com o objectivo grandioso de entronchar com o colossal caminho de ferro inglez do Cabo ao Nilo, pretendendo estender um braço vigoroso para o norte ao encontro das grandes florestas da borracha e da região mineira de tão apregoadá e apetecida riqueza. As fronteiras leste da provincia, ainda não delimitadas no terreno, tendem, pela aspiração de interesses estranhos ás nossas conveniencias e ao nosso direito, a comprimir-nos, mais ou menos amavelmente, para a costa, e o grande caminho de ferro de Cecil Rhodes não deixará de attahir ao seu traçado uma grande parte das riquezas, que actualmte alimentam o movimento commercial de Angola.

Sem conjurar estes perigos, os poderes publicos vão decretar a construção do caminho de ferro de Benguella a Caconda e as collectividades interessadas ofereceram-lhe o seu apoio e, o que é muito para louvar, propõem-se a soffrer pesados sacrificios para que esse empreendimento tenha uma immediata e rapida execução e se complete para além da Caconda até ao Cubango e d'ahi á fronteira Barotse.

É grandioso o commettimento e consoladoras para o nosso sentimento patriótico a abnegação, digna de ser imitada para a solução de outros problemas que interessam á nossa prosperidade, com que o commercio africano e as industrias da metropole e da colonia africana oferecem espontaneamente ao governo os recursos de que necessita para o realizar, sem concessão nem privilegios, sem garantia de juros nem quaisquer responsabilidades ou favores, que affectem as actuaes receitas do erario publico.

N'estas condições é uma realidade este caminho de ferro, o qual com o de Loanda e Ambaca, quando prolongado como se projecta e é indispensavel até á Lunda, defende os mercados de Angola dos perigos e das ameaças.

Estas vias ferreas serão os caminhos mais faciles e mais curtos do litoral para os sertões do continente africano ao sul do equador, e por isso fallar nos será manter os actuaes mercados e conquistar outros e vastissimos para expansão do nosso commercio e industria, tanto mais que, além da menor distancia a percorrer, temos sobre os nossos antagonistas a apreciavel vantagem da maior resistencia á acção do clima e da facilidade de nos fazermos comprehender falando aos indigenas a nossa lingua, que lhes é sympathica e a unica que conhecem como lingua de *branco* em todo o sertão.

É vastissima a região servida pelo caminho ferro do Lobito-Benguella, feracissimo o seu solo, abundantissimo em agua, densamente povoado por gentio de indole pacifica e com notavel aptidão para o commercio. Presta-se admiravelmente esta região para a colonisação europeia pela suavidade do clima e a sua constituição geologica offerece-nos indicações seguras de preciosos jazigos mineiros a explorar.

Para se apreciar a benignidade do clima bastará notar-se que, a pouco mais de 200 kilometros do litoral, se regista a cota de 1.800 metros acima do nivel do mar e n'esta altitude, que se prolonga por milhares de kilometros para o interior, o clima é perfeitamente como o clima temperado do sul da Europa, mas mais uniforme, com as suas duas estações perfeitamente definidas, os seus ventos dominantes de orientação conhecida, nunca tempestuosos e uma temperatura confortante, amena, variavel entre os limites annuaes extremos 10 e 25 graus centigrados, sem os saltos bruscos e traiçoeiros vulgares na Europa e que são a causa de tão variadas doenças.

O barometro, esse precioso instrumento indispensavel na Europa e nas latitudes elevadas para a previsão dos phenomenos atmosfericos, não tem utilidade porque são ali desconhecidas as temperaturas violentas. Póde ser aproveitado como relogio porque nas suas oscillações diurnas é de uma regularidade de marcha perfeita, monotoná, subindo invariavelmente das 3 ás 9 horas e descendo das 9 ás 3 entre limites quasi constantes.

O clima do planalto de Benguella é por assim dizer o clima por excellencia e por isso aquella região privilegiada offerece á colonisação europeia, sem perigo da acclimação, um vastissimo campo de exploração remuneradora.

As raças brancas poderão ali fixar-se e os seus descendentes serão, sem duvida, os futuros colonisadores das regiões vizinhas do equador, vedadas por insalubres á exploração persistente do europeu.

A orographia africana nas proximidades do equador, principalmente ao longo do Zaire que, apesar do seu colossal percurso, tem a sua origem a 600 metros apenas de latitude sobre o nivel do mar, mostra-nos a impossibilidade de tentar encaminhar para essas regiões a colonisação. Não tem esses territorios a vantagem excepcional do nosso planalto, a correcção da altitude, e por isso os europeus que ali tentam demorar-se, ou morrem por effectos do clima, ou são forçados a regressar á Europa, em regra, arruinados de saude e sem a compensação da fortuna que ambicionavam.

Esses territorios, verdadeiros thesouros de incalculavel riqueza, estão reservados para os descendentes dos colonisadores do planalto de Angola. Serão estes, em um futuro não muito sensato, os dominadores da região central de Africa.

Estas considerações que offerecemos ao illustrado criterio dos leitores d'esta Revista, as quaes, pela exiguidade do espaço que nos é destinado, não podem ter o desenvolvimento que o assumpto requer, não são uma *reclame* ao caminho de ferro projectado. São simplesmente a expressão resumida da nossa opinião sobre um grande empreendimento que tem sido acolhido com applausos jubilosos e entusiasticos por todo o paiz.

Não precisa de *reclame* este grandioso projecto porque, felizmente, os recursos propios do paiz garantem a sua execução sem ser necessario recorrer ao credito ou a operações onerosas.

As receitas offerecidas são sufficientes para a sua realisação, sendo apenas provavel que haja de aceitar-se dos bancos do paiz a coadjuvação já espontaneamente offerecida para a maxima rapidez de sua execução, adiantando em condições excepcionalmente favoraveis o capital que fór necessario pedir-lhes por antecipação.

A actual importancia commercial do porto de Benguella, como expõe no seu relatório official o sr. Serrão, distincto engenheiro que estudou o traçado d'este caminho de ferro, basta para assegurar-lhe um rendimento provavel altamente remunerador e, tão importante se nos affigura que o virá a ser, logo que atinja Caconda, que, estamos certos, bastará o saldo das suas receitas de exploração para custear as despesas com o seu prolongamento até á fronteira.

É inquestionavelmente um commettimento grandioso, pela sua extensão de milhares de kilometros e pelos seus effectos immediatos e futuros.

É um caminho de ferro portuguez, construído com dinheiro portuguez, offerecido ao paiz pelo commercio e industria nacionais. Levará até ás cobizadas fronteiras que limitam em Angola a nossa soberania, os productos da nossa industria, á qual asseguramos um vasto, immenso campo de exploração. A emigração de todos os paizes abrirá uma região fertilissima, apropriada a variadissimas culturas, não só tropicas como exoticas, offerecendo-lhe um clima adoravel, abençoado, a que póde expôr-se sem receio. Ao commercio nacional entregará extensas florestas de borraça apenas conhecidas por informações dos viajantes e ainda por explorar.

E ainda não finda aqui a sua missão. Podemos e devemos levar mais longe ainda as nossas aspirações acavando a esperança de servirmos o caminho de ferro para ligar o Transvaal a Rhodésia, Moçambique, Natal e Cabo, á Europa. É por que não?

Avançando para o norte o caminho de ferro inglez do dorso de Africa, será uma utopia attingir-lo por alguns dos seus ramaes?

O caminho mais curto e mais economico para a Europa e a Europa para Africa do sul, será então o que nós offerecemos aos viajantes, poupando-lhes dezenas de dias de viagens aos mares pericellosos do sul, reconhecidamente incommodos e perigosos, e offerecendo-lhes na formosa e amplissima bahia do Lobito, serena e fresca como um immenso lago d'um parque, em cases acostavel, onde um vapor de grande marcha os espera para os transportar á Europa em 10 dias, ou um comboio prompto a partir os conduz aos seus destinos em dois a quatro dias através de Africa, percorrendo uma região formosissima pelos seus encantos naturaes, sem terem a recelar as temperaturas incommodas nem os effectos de um clima traiçoeiro.

Será isto uma utopia? A esta interrogação responderel que um seculo chama utopia áquillo mesmo que o seculo seguinte vem a proclamar como verdade incontestada.

As utopias, como diz um grande pensador, são muitas vezes proposições precoces que a seu tempo se transformam em logares communs.

## POETAS E PROSADORES

(Perlas Dispersas)

### NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

Não te esqueças de mim, quando irradiar  
Perde-se a Lua no sidéreo manto;  
Quando a brisa estival bejar-te a fronte,  
Não te esqueças de mim que te amo tanto!

Não te esqueças de mim, quando escutares  
Gemer a rola na floresta escura,  
E a saudosa viola do trapeiro  
Desfazier-se em gemidos de tristura.

Quando a flor do sertão, aberta a medo,  
Pejar os ermos de suave encanto,  
Recorda os dias que passei contigo,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto!

Não te esqueças de mim, quando, á tardinha,  
Se cobrirem de nevoa as serranias,  
E na torre alvejante o sacro bronze  
Docemente soar nas freguezias!

Quando de noite, nos serões de inverno,  
A voz soltares, modulando um canto,  
Recorda os versos que inspiraste ao bardo,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto!

Não te esqueças de mim, quando meus olhos  
Do sudario no gelo se apagarem,  
Quando as roxas perpetuas do finado  
Junto á cruz de meu leito se embalem.

Quando os annos de dór passado houverem  
E o frio tempo consumir-te o pranto,  
Guarda ainda uma idéa a teu poeta,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto!

FAGUNDES VARELLA.

## A' varanda do club

Notas rapidas

INDOS olhos negros que passais, deixai um instante que vos fitemos.  
L'Airosinha de porte, o chapéu engrinalhado de rosas, nos hombros  
uma pelica, e ella ahí vai a coquetear amores.

Vamos a seguil-a.

Não?

Porque?

Mas é o uso da terra. E em Roma... sejamos romanos. Seguir  
uma mulher, perseguil-a mesmo. Mas ha individuos que não fazem ou-  
tra coisa durante o dia. E' uma occupação, um emprego, uma maneira  
de applicar o espirito e as pernas.

A' saída das missas, aos domingos, quando as meninas, a tafalarem  
ao lado das mããs, voltam das suas devoções, reparem... lá vai Ado-  
nis empommodado, enlulado, encharcado e emboquiilhado, todo me-  
neios serenos, sorrisos languidos, olhos ternos... E ella? toda se ar-  
queia como uma gatinha a despertar caricias.

E pela cidade elles ahí vão sonhando ambos o mesmo sonho, o  
sonho do hymineu com respectivas cantatas, olhada para aqui, olhada  
para acolá, até que a bella enamorada, chegando a palacio, vem entre-  
abrir a vidraça do balcão e lançar ao seu bem o adeus da despedida.

Que de emoções enormes vai traduzindo esse adeus até que elle

volta a esquina, elle que, para não escandalisar os augustos papás,  
pouca demora teve sob a janella, e segue a saracotear-se junto das pi-  
redes, olhando para traz, girando entre os dedos a bengala e arran-  
cando ao charuto grandes fumaças continuadas.

De manhã, á tarde, e mesmo á noite, o aspecto das ruas, sob o  
ponto de vista amoroso, é deveras interessantissimo. Ha, então, algu-  
mas d'ellas que offerecem verdadeiras originalidades no genero, taes  
como alphabetos gesticulados, scenas de mimica, telephones de cordel,  
gargarejos... Ah, o gargarejo acima de tudo.

E ha namorados que passam, n'esse doce colloquio, dez, doze,  
quinze annos, a mocidade, á existencia, elle á espera de ser empregado  
ou promovido, ella aguardando, resignada e sem inquietações, o dia  
solemne em que ha de tocar-se com a branca flor da laranjeira e  
mandar bater a tipoa para a porta da freguezia.

Lindos olhos, tão escuros como a noite, porque nos não fiteas?  
Acesso D. Juan se requebra na nossa esteira, em lubricas miradas?

Deus nos leve em bem e nos proteja e guarde, para que a nossa  
alma ao partir da vida faça a sua jornada sem preoccupações nem re-  
ceios.

Córaes? Mas não ha nada de mais peninsular do que desfechar ga-  
lanteios a uma mulher bonita, que junto de nós passa a deslumbrar-  
nos a vista e a accordar-nos o coração.

Veiu de Hespanha a moda, onde, de Joelho em terra, todo o homem  
saúda a mulher do povo ou a mulher da córte, com tanto que seja di-  
gna, pela sua graciosidade, de um punhado de flores da mais fina cor-  
teia.

Dizem-nos que nem sempre, entre nós, ha uma grande escolha nos  
madrigaes. Não admira! anda tanto selvagem á solta...

MOURA CABRAL.

## Bibliographia

HA perto de dois annos terminei uma publicação periodica, na qual  
iniciara uma secção de Bibliographia, não porque me cor-  
resse o dever, — ou assistisse a auctoridade suprema, que o teria im-  
posto, — de exercer fiscalisação critica sobre as Lettras do meu paiz,  
mas porque as condições actuaes do Jornalismo deixam á revelia,  
n'um apparente desdem — que é talvez outra cousa — as noticias da  
produção litteraria. Volto a sustentar que nunca se leu tanto como  
actualmente, em Portugal, mas essa voracidade de leitura, á falta de  
critica, ou de simples indicação dos profissionais, é consagrada aos  
romances populares, — em fasciculos ao domicilio, — aos folhetins de  
igual especie, nas gazetas, e aos casos escandalosos ou de intensa bes-  
bilhotice, explorados pelo Jornalismo. A obra litteraria tem garantido  
o consumo — attestam-n'o os editores — pelo publico especial e certo  
do auctor, em Portugal e fóra d'elle, até onde chega o culto do Portu-  
guez. Mas tal conquista só a realiza o escriptor após muitos annos de  
trabalho, ou por uma superior demonstração de talento, ao entrar na  
liça.

Em taes condições, o grande publico tem de ser elucidado; e,  
crente em que mais do que esse publico eu entendo do meu officio, e  
assistindo ás manifestações de desdem, que em quasi todo o Jorna-  
lismo acolhem a obra litteraria, — desdem ou outra coisa, — não me  
abstenho de satisfazer convites tão honrosos como espontaneos, para,  
n'esta publicação, reatar a despretenciosa e sincera revista bibliogra-  
fica, ha perto de dois annos interrompida. (1)

Devo renovar a declaração prévia de que heide abster-me, por sen-  
timentos de bondade, que sempre ficam bem nas idades reflexivas, de  
apreciar os livros em que eu veja o cunho da nullidade — com mani-  
festa predestinação. Repito que não considero acto de humanidade  
causticar irremediavelmente fraquezas, e que para alguma pretensão petu-  
lante bastará o silencio inesperado — como castigo.

Vá isto, embora contrariando os innumeraveis cultores das Lettras,  
que para ahí inundam o mercado — de maus versos e de piores pros-  
as. A pena da voluntaria cegueira está na impotencia do reclamo so-

(1) «Noites de Vigilia».

licitado e por elles proprios redigido, para conquistar um publico. Pasmam os profanos de que haja editores para a actividade d'essa legião: é que os profanos ignoram que os editores d'ella cedem os seus nomes, por contracto, a esses teimosos das Letras, — em que dispõem de recursos monetarios para as despesas da edição. Tenho, a proposito, pensado com magua no desvio de tal dinheiro de outras applicações: por exemplo, os prazeres da Mocidade, fugindo, é claro, dos excessos da Bohemia, para não escandalisar a Cafraia.

Vem a proposito dizer-lhes que a mais de um collega perito em execuções tenho censurado amigavelmente a ideia de agredir taes victimas da publicação. Pois não será castigo, e bem cruel, de similhante vicio, o resultado negativo que obtem? Nem leitores, nem attenção da Critica. Porque, enfim, o palavreado encomiastico, obtido, uma vez por outra, dos conhecidos amáveis, ou redigido pelos proprios pretendentes, só gera o desdem dos entendidos e deve intimamente humilhar o elogiado, se lhe prelux, a espaços, clarão de entendimento. Não vemos nós, por ahi, caluniados de primorosos escriptores uns simples forrageadores de vernaculos, e de illustres romancistas uns inhabéis á construcção correcta de um periodo portuguez? Que monta, porém, esse ridiculo? Podem ámanhá erguer-se, mil vezes, a exaltar na imprensa as excellencias de um Inferior: não lhe darão uma hora de posteridade. Podem essas vezes conspirar contra uma obra de valor: não lhe roubarão um momento de duração. E' bom repetir estas banalidades.

E é em tal orientação que um homem chega a desinteressar-se nas contestações e nas aggressões — litterarias, bem entendido. Cá estou eu, *chétif*, que de ha muito cortei a coleta ao tom acrimonioso. Por ahi teem surgido uns pobres de espirito, a afirmar aos parceiros que é atrazada a minha orientação em Letras; nada oppoñho em embargos, mas acodem novos orates, discordando dos primeiros, n'este sentido: que eu, ao corrente *do que se passa*, finjo desconhecê-lo — por afinidades com partidarios de velharias e por indisposição contra os modernos. Eu limito-me a objectar, em soiloquio e em brandas vozes, que a minha indisposição é real, antiga e permanente, contra os estupidos, novos ou velhos, pois que considero e Estupidez parente adherente da Perversidade. E não protesto alto, porque tenho nojo e vergonha, e tambem a creença enraizada em que o meu trabalho de trinta annos hade sobreviver um dia, pelo menos, a todas as contestações. Esse dia será o do meu desagravo.

SILVA PINTO.

No proximo numero — *Os Amores de Camillo*, por Alberto Pimentel.

S. P.

## THEATROS

DUPLAMENTE embaraçados nos vemos hoje, ao cuidar de encher esta costumada secção do *Brasil-Portugal*. A quinzena decorrente, que o mundo catholico piedosamente preenche com a solemnisissima celebração das ceremonias quaesmas, exige naturalmente para o assumpto, n'este numero, a maior somma de attensões e referencias: e, ao mesmo tempo, ahi pelos theatros abundaram novidades, todas ellas mais ou menos reclamando a sua parte de registro n'este logar.

De sorte que, assim, a unica forma de conciliarmos a preferencia devida aos episodios consagrados da Paixão, com as exigencias da actualização d'esta Revista, será referirmo-nos as varias peças representadas, e em summarias notas, em breves esboços de conjuncto procurando dar o traço essencial da nossa impressão.

Começaremos pelo Gymnasio, cuja benemerita empresa amavelmente se prestou a ceder o seu theatro para a exhibição, — pela primeira vez em Portugal, por companhia portugueza, — das transcendencias e primores da dramaturgia Scandinava. Cabe-me essa gloria á companhia organizada pela actriz Lucinda Simões, essa irrequeita e genial actriz, a cuja ardenté ancia de novo, a cujo remontado vício de ideal, tanta somma de inédito, de progresso, de emoção, incontestavelmente deve a scena portugueza.

A peça agora representada foi a celebre *Casa da Boneca*, a mais empolgadora e theatral producção de toda a obra colossal de Ibsen. Pois a representação d'este drama assombroso e profundo, — em que a intensidade tem a tensão maxima, em que cada phrase é só por si um compendio de moral ou um tratado de psychologia, — com ser um grande arrôio, saiu ao mesmo tempo um assignalado triumpho. Eis o grande acontecimento artistico de todo o mez de marco. Em noites de representação da *Casa da Boneca*, o Gymnasio enche-se litteralmente, e os logares são avidamente disputados por quanto em Lisboa ha de mais intelligente e de mais distincto. O desempenho de *Nora*, a protagonista do drama, feito por Lucilia Simões, a filha de Lucinda, é positivamente um assombro.

No proximo numero, mais á larga, fallaremos de tudo isto em artigo especial.

No theatro D. Amelia, tivemos uma peça original: o drama em 4 actos, *Amor de mãe*, do sr. Hygino de Mendonça.



Hygino de Mendonça

Esta peça não logrou captar o agrado do publico; já a sua segunda representação houve de arrastar-se friamente, perante uma sala quasi deserta. Devemos inferir d'aqui que ella é absolutamente inferior?... De modo nenhum. O drama é muito bem architectado, desdobrado com firmeza, dialogado com esmero; não tem nada que o avilente, — é uma correcta mediocridade.

Depois, todo trabalho em processos *dé-modes*, recuando um feitio archaico, ficou assim naturalmente muito áquem do desejo, da expectação do publico. O arcaico é rigido e geometrico, e o dialogo, sem naturalidade, todo sermoadado em tiradas, — qualidades estas duas que approximam o *Amor de mãe* dos trabalhos similares de Mendes Leal. E é com effeito a estes que, na qualidade como ao caracter, nós o achamos perfeitamente comparavel. Coevo do *Pedra ou dos Dois Renegados*, o drama do sr. Hygino teria, sem favor, um exito equal. Hoje, porém, não podia ser... As exigencias do publico são outras; e, por mais pujante que seja o talento de que se disponha, não ha meio de servir a archeologia, como fonte de emoção, a uma sociedade morbidamente acolchada na pavidá contemplação da propria alma...

Outra peça nova, no theatro de D. Maria: *O Cavalleiro Falstaff*, manuseada com muito talento pelo sr. Souza Monteiro, mas que nem por isso logrou a franca acceitação do publico.

Esta peça é um *Falstaff* quincentista, academico, bem-fallente; vem toda requintada em primores artisticos, e por isso mesmo apartada e longe da verdade. Em toda ella o trabalho do arcade é admiravel, mas falta o vinculo da observação pessoal, a nota humana, sincera e fumegante, que na Arte moderna é essencial condição e traço imprescindivel.

Em todo o caso, como estamos em frente d'uma obra de valor, apparatusamente precedida, para mais, d'um cavaco epistolar na imprensa, dedicar-lhe-hemos tambem artigo especial.

Bem mais felizes foram as peças que agora ahi appareceram, destinadas a lisongear o gosto popular: *Um casamento em Fanhões*, na Trindade, no Principe Real, *O Tio Virtudes*, e no Real Colyseu a applaudida revista *de Geringonças*, dos sr. Salvador Marques e Penha Coutinho.

A primeira, original do sr. Luiz de Araujo, abunda em scenas de rua, trovas do povo e typos das camadas infimas, um pouco superficialmente observados, mas ainda assim com o *quantum* de realidade e interesse para captar o applauso e prender a attenção. A segunda, um drama de Pierre Decourcelle, todo espiritante de scenas violentas, e adubado com um *trac* sensacional de loões verdadeiros em scena, tem infalliveis condições para esse exito ruído e prolongado que, noite a noite, invariavelmente se confirma.



Luiz de Araujo



Pierre Decourcelle

Abel Botelho, Salvador Marques, Penha Coutinho



Abel Botelho



Penha Coutinho

# BRASIL PORTUGAL

Impresso na typ. da Comp. Nacional Editora  
Largo do Cotoz Barão, 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUÍZ ANTONIO SANCHES  
Redac. e admist. — R. IVES, 52 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	1 tomo da brasileira.....	Anno.....	6 mezas.....	3000
Numero avulso.....	2500	6 mezes.....	1000	42500
		3 mezes.....	2500	3500
		Numero avulso.....	2400	

## SUMMARYO

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.  
Tempo Santo — O numero de hoje.  
A Cruz millitaria retrato de Herculanio e illustrações de João Galhardo — ALEXANDRE HEITLAND.  
Tempo Santo — O Cruz, Arte, Spas Unica insaidio — ANTONIO DE EVORA.  
Judas insaidio — BOSO DE LAMOGO.  
Poetisas brasileiras da actualidade — ALBERTO PIMENTEL.  
A vida de Jesus — SINDOS DUAS.  
Chronica d' varios tempos — As torfadas — PINTO DE CARVALHO (Tino).  
Id. pelendano pliciano illustração de Carlos Reis) — CORREIO DO NOVARIANO.  
Armadens de Adriano Ramos Pinto, no Porto.  
Lorjô TAVARES.  
Dr. Medo e Alvim (ministro do Brasil em Lisboa).  
Alfredo Gallis.  
A pesca do Atano Favel d' El-Rei.  
Os apontados do Doutor Alves de Sá.  
Caminho de ferro de Lobito Benguela á fronteira da Angola — GOMES COELHO.  
Não te esqueças de mim — FACUNDES VARELLA.  
A Varanda do Club — MOCCA CABRAL.  
Bibliographia — SALVA FERRE.  
Theatros — ABEL BOTELHO.

## Páginas supplementares

Centro colonial.  
A quinzena historica — LUÍZ CARBOSO.  
Cultura dos campos.  
A imprensa do Brasil e o Brasil-Portugal.  
Lorjô TAVARES.  
Sciencia facil (illustração) — ORVAL.  
Nos Irãos.  
Horas do Ocio — F. A. de MATOS.

## 28 ILLUSTRACOES

## Centro colonial

De todo o incitamento e estimulo é digno o movimento colonial que se está operando no sentido de chamar todas as atenções e cuidados para os assumptos que se prendem ao desenvolvimento das nossas possessões do Ultramar. E bem merecem do seu paiz todos aquellos que, tendo a perfeita comprehensão do momento historico que atravessamos, e, pondo os olhos no futuro da patria, se não poupam a iniciativas, por mais arrojadas que sejam, a esforços de toda a ordem, para que o Ultramar principalmente a Africa portugueza, seja o grande objectivo da nossa unica esperança de salvação nacional, o ponto de mira para onde se voltem as actividades fecundas e os alvites uteis e praticos.

Ainda no nosso numero anterior registavamos a reunião importante que se effectuava com o fim de se levar a effeito a construção de uma via ferrea, que tão assignaladas vantagens commerciaes e politicas deve trazer á nossa Africa occidental, e da qual se occupa no texto d'esta Revista, com larga proficiencia e nitidez, o illustrado official da armada portugueza, o sr. Gomes Coelho, e já n'este logar nos é grato registar tambem que outra reunião não menos importante, de proprietarios, industrias e agricultores da Africa portugueza, acaba de celebrar-se sob a presidencia do sr. Sousa Lara, que está imprimindo a este movimento o cunho da sua auctoridade e do seu valor pessoal.

O fim d'esta reunião era a organização de uma companhia ou Centro colonial e a approvação do projecto de estatutos. Ficou elleto uma commissão installadora composta de srs. Sousa Lara, Henrique de Mendonça, Arnaldo de Novaes, Alfredo Mendes da Silva, Miguel Neves, Sebastião Horta e Costa, viçconde de Almeida Arago, Francisco Maria Baccellar, Joaquim d'Ornelas e Mattos, dr. Anni-

bal Cid, Luiz Gonçalves Santhiago e Paulo Cancella, e, apesar de não estarem presentes, fizeram communicar a sua adhesão ás resoluções d'esta importante assemblea, os dois abastados proprietarios em Africa, os srs. Francisco Mantero e conde de Valflor.

Felicita-se o *Brasil-Portugal* de por incondicionalmente, de hoje em diante, as suas columnas ao serviço d'esta instituição incipiente, que tão vantajosamente pode trabalhar no interesse da patria portugueza.

## A quinzena financeira

O que de mais notavel ha a registar na ultima quinzena é a apresentação ao parlamento das propostas de fazenda e do relatório e propostas acerca do fomento colonial, feita pelos titulares das respectivas pastas.

Pela leitura que fizemos das propostas de fazenda, não reconhecemos mais a unica medida de rasgada iniciativa, em harmonia com as necessidades do thesouro. Nellas se recorre ao velho expediente de agravamento de impostos, que não nos parece ser o melhor caminho nas circumstancias especiaes em que o paiz se encontra.

Em compensação, o relatório do sr. Ministro da Marinha e as propostas que o acompanham, são documentos de largo folio e de grande alcance para o desenvolvimento do fomento colonial e a affirmação brilhante das elevadas qualidades do sr. conselheiro Eduardo Villaça.

O governo por intermedio da Junta do Credito Publico tem continuado com os concursos semanales para compra de cambias destinadas ao pagamento do coupon d'abril. Com estes concursos tem-se dado um facto curioso e anormal: é o governo ter comprado mais barato do que o preço que na occasião regula no mercado. Assim na primeira semana d'esta quinzena o thesouro comprou a 36 1/2 quando na praça o preço era de 36, e na segunda aconteceu o mesmo.

No principio da quinzena avultou mais o papel do Brasil, no nosso mercado, dando em resultado uma sensivel melhoria nos cambios, chegando a effectuar-se a 26; a este preço, porém, o stock fluctuante foi rapido e completamente absorvido, passando as cotações para 35 7/8 compradores e 35 3/4 vendedores. N'esta ultima semana, o mercado cambial manteve-se quasi sem alteração.

O mercado de descontos esteve calmo, e houve relativa abundancia de dinheiro. O papel que apparecei encontrou franco acolhimento a taxas que variaram entre 5 e 7 por cento, tendo havido mais difficuldades para reportes. Contudo alguns se effectuaram a 6 por cento.

O que houve de mais notavel durante a quinzena e que maior influencia podesse ter na nossa praça, foram as violentas e bruscas alterações do cambio do Brasil sobre Londres, sem motivos conhecidos. Estas alterações, a nosso ver, provam apenas, que o mercado do Rio de Janeiro está novamente dominado pela especulação.

A alta que, pelos meados da quinzena, teve o cambio Rio-Londres, alta ephemera porque esta divisa immediatamente retomou a sua antiga posição, reflectindo-se logo nos fundos brasileiros, tãto em Londres como em Paris, que subiram quasi dois pontos.

Na Bolsa de Lisboa os valores do Estado, as obrigações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, as acções das companhias dos phosphoros e de Moçambique, tem tido grande movimento.

A data das ultimas noticias, ficaram assim cotados no estrangeiro os fundos brasileiros e portuguezes:

Brasileiros, Bahia 5 1/2 1888 a ..	65 1/2
" 4 1/2 1888 ..	65
" 4 1/2 1889 ..	62,75
" Fundi 5 1/2 ..	89 3/4
" 5 1/2 1895 ..	70 1/4
" Minas 5 1/2 ..	65 1/4
Portuguezes 3 1/2 ..	23,80
" 4 1/2 1888-1889 ..	190
" 4 1/2 1890 ..	164
" 4 1/2 1891 tabacos ..	495

A quinzena fechou com o periodo das festas religiosas da Semana Santa em que os negocios estão paralyzados. Tudo porém faz prever que a primeira quinzena de abril será mais movimentada do que a ultima de março.

LUÍZ CARBOSO.

## Cultura dos campos

Relevantissimo serviço prestou ao seu paiz o dr. Assis Brasil com a publicação do livro que tem aquelle titulo, e que deve ser considerado, por assim dizer, o Evangelho do agricultor brasileiro. E a *Sociedade Brasileira para a criação da creação e agricultura*, que em larga escala tem espalhado pelo Brasil esta publicação tão util, tão instructiva e tão pratica, bem merece de todos aquellos que se interessam pelo desenvolvimento agricola de um paiz, que sendo prodigamente dotado pela natureza como nenhum outro, tem no seu vastissimo territorio recursos de toda a ordem: A questão é saber exploral-o, ou melhor, saber aproveitá-lo, e é esse ensinamento, á custa de experiencias e observações, que se encontra nitidamente exposto na *Cultura dos Campos*, livro que já apparece ha tempo, mas cujo nome é um dever registar n'esta Revista, como tudo quanto proceda e derive d'essa benemerita sociedade brasileira.

## A IMPRENSA DO BRASIL

### BRASIL-PORTUGAL

Do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro:

"Acaba de chegar o 1.º numero da revista illustrada quinzenal *Brasil-Portugal* cuja publicação Augusto de Castilho, Jayme Victor, e Lorjô Tavares, encetaram em Lisboa.

Desde a bellissima capa, criação de Roque Gameiro até as artisticas photo-gravuras de Pires Marinho, podemos affirmar que *Brasil-Portugal* é a primeira revista verdadeiramente artistica que tem apparecido nestes ultimos tempos.

Do nosso estimado companheiro Celso Hermínio vai ser o director artistico do *Brasil-Portugal*.

lugal, e é tão numeroso e illustre, em quasi todos os nomes a lista dos collaboradores, que podemos francamente recomendar essa Revista aos que desejarem boa leitura, artisticas creações, e ex-celente execução graphica.

O *Brasil-Portugal* é um verdadeiro triumpho e oxalá seja devidamente compensado o grande sacrificio que devem ter feito os que encetaram tão luxuosa Revista.

No escriptorio do *Jornal do Brasil* recebem se assignaturas.

#### Da Noticia, do Rio de Janeiro:

"Temos sob os olhos o primeiro numero da revista *Brasil-Portugal*, publicada em Lisboa, e de que são directores Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

A nova revista está magnificamente impressa, tem uma elegante capa a diversas cores e contém magnificas gravuras, d'entre as quaes se destacam os retratos de Sua Magestade o rei de Portugal e do Sr. Dr. Campos Salles, presidente da Republica.

Um texto é primorosamente feito pelas penas mais festejadas dos dous poetas.

Folgamos em registrar o apparecimento da bella publicação.

#### De Le Brésil, de Paris:

"*Brasil-Portugal*, tel est le titre d'une nouvelle Revue illustrée paraissant toutes les quinze et publiée, à Lisbonne, sous la direction de MM. Augusto de Castilho, Jayme Victor et Lorjô Tavares.

Son programme: faire connaître l'un à l'autre, et sous leurs multiples aspects, deux pays unis par la communauté de race et de langage.

Comme texte et comme travail, le premier numéro est attrayant. Citons, parmi les gravures, les portraits de S. M. le roi D. Carlos et de M. Paes de Carvalho, et une jolie vue de la place de Nazareth à Bélem de Pará.

Nous souhaitons une longue et fructueuse carrière au *Brasil-Portugal*, et remercions ses directeurs de nous avoir envoyé, de leurs bureaux situés au 152 de la rue Ivens, à Lisbonne, le premier numéro de leur Revue.

#### Do Journal du Commerce, do Rio de Janeiro:

"De Lisboa recebemos o *Brasil-Portugal*, revista quinzenal illustrada, de que são redactores Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

Nitidamente impressa, muito bem illustrada e com grande variedade de bons artigos, traz a Revista os retratos do Rei D. Carlos, Dr. Campos Salles e Paes de Carvalho, Almeida Garrett, Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro, e de outros cavalheiros conhecidos, e da actriz Tetriziani.

Este primeiro numero é uma promessa que, cumprida, dará a nova Revista, digna de apreço e applausos, longa vida, pelo interesse que deve despertar entre os dous povos.

#### Da Proviscia, de Pernambuco:

"De Lisboa recebemos hontem o primeiro numero do *Brasil-Portugal*, revista quinzenal cujo apparecimento ha tempos annunciaramos que encetou a sua publicação, alli, no dia 1 do corrente.

É dirigida pelos ares. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, e tem uma pleiade brilhantissima de collaboradores portuguezes e brasileiros.

Esse numero fórma um bello folheto em 4.º grande, magnificamente impresso em bom papel, com esplendida capa colorida e 22 finissimas gravuras, entre as quaes os retratos de el-rei D. Carlos e do Sr. Campos Salles — e traz oplendo summary.

#### Do País, do Rio de Janeiro:

"O primeiro numero da revista *Brasil-Portugal* dos ares. conselheiro Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, tambem contém algumas paginas consagradas a Garrett.

Vem a proposito dizer que o primeiro numero d'esta Revista appareceu no dia um do

corrente e que, além de uma capa a cores, traz muitas illustrações e variado texto, apresentando na lista dos collaboradores os primeiros nomes das nossas letras.

## Lorjô Tavares

#### Da Mala da Europa:

"Parte de novo para o norte do Brasil no *Rei Humberto*, o mesmo paquete italiano que no anno passado o levou ao Pará, o nosso prezado amigo e collega na imprensa o ar. Lorjô Tavares.

Vae agora fazer a propaganda da excellente Revista quinzenal, litteraria e artistica, que ha pouco fundou em Lisboa com os ares. conselheiro Augusto de Castilho e Jayme Victor.

Ao exito colossoal que teve em todo o reino esta luxuosa publicação, unica no seu genero, estamos certos que deve corresponder o exito no Brasil, não só por parte dos filhos d'essa grande nação como por parte de todos os nossos compatriotas que lá residem.

Sabemos que, em cada uma das pessoas com quem tratou no Pará, Lorjô Tavares deixou um amigo. E é de crer que o acolhimento que vae fazer-lhe a esplendida capital do norte do Brasil seja equal a quello que então lhe foi feito.

Pelo seu valor, pelo seu caracter, pelas suas excepções qualidades de trabalho e pelo arrojado da empresa que fundou e em que tem por companheiros um nome de ha muito conhecido no Brasil como jornalista, e outro que tem universal consagração em todo o territorio da Republica como um dos mais valentes e honrados officiaes da marinha portugueza, por tudo isto merece Lorjô Tavares que o Brasil, auxiliando a sua empresa, secunde os seus esforços e contribua poderosamente para que a obra que elle iniciou seja levada a effecto com o mais feliz e prospero resultado.

Os primeiros quatro numeros publicados do *Brasil-Portugal* que acompanham ao Norte o nosso illustre amigo, provam, pela escolha de artigos e gravuras, que elle se não esqueceu da terra hospitaleira que tão carinhoso acolhimento lhe fez o anno passado.

#### Das Novidades:

"Parte amanhã para o Brasil, a bordo do vapor italiano *Ze Umberto*, o nosso bom amigo e apreciado escriptor Lorjô Tavares.

O nosso collega vae tratar, em varias cidades d'aquelle uberrimo paiz, de fazer activa propaganda a favor da sua nova publicação *Brasil-Portugal*.

São tres os numeros que sairãr já d'este excellente quinzenario, o melhor, sem duvida nenhuma, que actualmente se publica, no seu genero, em Portugal, e que se pode pôr a par dos seus similares estrangeiros sem receio de soffrer humilhações.

Impresso em bello e assestado papel, com uma luxuosa capa encantadoramente illustrada a cores, o seu aspecto não pode ser mais attraente. Na parte litteraria collaboram alguns dos nossos escriptores de mais nomeada; e parte artistica está a cargo de homens cujos meritos são de ha muito conhecidos, e estão incumbidas da sua execução as officinas da Companhia Nacional Editora, um estabelecimento que está produzindo trabalhos verdadeiramente notaveis, a ponto de provocar rasgados elogios aos que a fóra tem visitado as melhores casas de equal ordem.

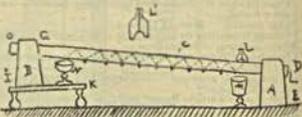
Além de variadissimo texto, que trata de tudo quanto tem actualidade no Brasil e aqui, no theatro, na politica, na alta sociedade, nas ruas, do que pode apresentar palpitante interesse em todas as camadas, as gravuras são esplendidas, de uma nitidez escurpulosas, a favor de cada numero um valioso album que todos folhearão com curiosidade e agrado.

Lorjô Tavares com aquella tenacidade e indole activa, que são um dos apreciaveis dotes que o caracterisam, caprichou em fazer da revista de que tratamos uma publicação dura-douira e de todo o ponto digna dos nomes que n'ella figuram. Elle lá vae uma segunda vez ás terras de Santa Cruz, trabalhar como elle sabe, desassombrada, honesta, vigorosamente, suppe-

rando difficuldades que entibiariam outro menos forte, fazendo se estimar por todos de quem se aproxima, nunca amorecendo, armado com o seu eterno e bondoso sorriso, marcando uma linha na sua frente e seguindo-a sem arrogancia mas tambem sem vacillar. E Deus ha de ajudar o porque a sua alma é boa e a sua lucida intelligencia nunca se poz no serviço de nenhuma ruim paixão.

## SCIENCIA FACIL

**PHYSICA RECREATIVA.** — PARAFUSO DE ARCHIMEDDES. — Um lapis não envernizado, duas rollhas, sete alfinetes, dois copos, um aparo e um phosphoro, é a materia que vamos empregar para construção de um parafuso de Archimedes, machina hydraulica que hoje não é muito empregada.



Uma das rollhas (B) é collocada sobre um suporte qualquer (K) e ahi pregada por meio de dois alfinetes na altura pouco mais ou menos da letra (I). A outra rollha (A) collocada uma 2 ou 3 centimetros abaixo da primeira e a uma distancia um pouco inferior do comprimento do lapis, é pregada tambem com dois alfinetes. Nas rollhas fazem-se buracos de modo que o lapis possa ahi passar e girar livremente. Um dos tres alfinetes restantes (D) serve de manivella; os outros dois (O e G) atravessam o lapis de lado a lado e sustentam-no na sua posição. Perto da extremidade inferior do lapis é espetado o aparo (L) ao qual se tem cortado o bico e a parte posterior; (como se vê em L. Colloca-se em dois copos (M) por baixo do aparo e outro (N) em cima do suporte (K). Neste copo é collocado o phosphoro de modo que a sua extremidade livre fique a dois milímetros do lapis. Em seguida enche-se o copo (M) com agua levemente corada com carmin e a machina está prompta a funcionar, isto é, a elevar a agua desde o copo (M) até ao copo (N).

Para isso basta traçar no lapis, por meio de um pincel molhado em agua, um helice começando entre os dois dentes da força formada pelo aparo cortado do modo que indicamos, e terminando junto do phosphoro. Em seguida é antes que a helice esteja secca faz-se girar o lapis. O aparo então mette-se dentro d'agua, traz uma gotasinha que depõe na helice e a gotasinha d'agua obrigada a seguir a helice até ao phosphoro é apanhada por este que a depõe no fundo do copo (N). Continuando assim as gotas succedem-se sem interrupção podendo, com paciencia, fazer-se baixar o nivel da agua no copo (M).

**INDUSTRIA DE ALUMINIOS.** — Pela primeira vez se vae, nos Estados Unidos, empregar o aluminio para a transmissão da força a longa distancia.

O ho de que se trata tem um desenvolvimento de 150.000 metros, ou 130 kilometros, ou 82 leguas e meia. Fazer cerca de 70 toneladas.

O seu objectivo é assegurar, quanto possível, e sem differença sensivel ao electrometro, um transporte de força de 10.000 cavallos.

As officinas estão situadas ao pé das quedas d'agua de Snoqualmie. A corrente electrica será utilizada em Seattle e em Tacoma, no Estado de Washington.

Esta tentativa está sendo seguida com interesse pelos electricistas do Novo Mundo, e vae decerto occupar a attenção dos engenheiros de todo o mundo, por isso que a conductibilidade e as vantagens economicas dos fios de aluminio deverã facilitar a solução pratica do problema que n'este momento está sendo estudado relativamente á transmissão da energia a distancias até hoje desconhecidas.

Damos aqui a título de curiosidade algumas das inscrições a que nos referimos nas páginas consagradas aos apositos do Doutor Alves de Sá

N.º 27

**Mos frisos**

De Goethe:

Stünd ich Natur vor dir ein Mann allein,  
Da war's dev Mühe werth ein Mensch zu sein!

De A. Daulet:

... peintres... ce sont des détraqués, des compliqués, qui racontent toujours plus de choses, qu'il n'y en a...

De Guerra Junqueiro:

Louco! idé dizer ao velho Torquemada  
que queime, se é capaz, num forno uma alvorada!

De Gomes Leal:

Não sei onde é que li, que Christo e os doze Hebreus  
viam na Estatua só o idolo d'um deus,  
e não a fórma nua, a radiação do Bello;  
arrojaram, portanto, á Estatua, o camartello.

De Guerra Junqueiro:

Tudo se modifica e tudo se renova:  
Da escura podridão rojeita de uma cova  
Sae uma flor vermelha a rir alegremente:  
A ideia tambem muda a pel' como a serpente.

De J. Richepin:

Voilà le mal qu'il souffre et que tu ne sais pas,  
Ce qui flétrit pour lui le monde et ses appas:  
C'est le tourment de la pensée.

**Na parede central**

... l'obligation fondamentale nécessairement imposée à l'art moderne, comme à la science et à l'industrie, de subordonner toutes ses conceptions à l'ensemble des lois réelles, ne tendra nullement à lui ravir la précieuse ressource des êtres fictifs et le contraindra seulement à lui imprimer une nouvelle direction, conforme à celle que ce puissant artifice logique recevra aussi sous ces deux autres aspects universels.

A. COMTE.

**HOTEL DURAND**  
English Hotel — LISBOA

71, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado a uma parte central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

**EXPEDIENTE**

Aos nossos estimaveis assignatarios, que, na recepção do nosso jornal hajam sofrido qualquer irregularidade, pedimos a fineza de o participarem á nossa administração para tomarmos as devidas providencias.

**Horas de ocio**

N.º 28

Charadas novissimas

As nossas assignaturas do Brasil

- rancá e mudá n'este respeitavel logar — 1, 3.
- egara que fassa ao jogo que é prohibido — 1, 2.
- cho bonia aquella senhora, mas causa a morte — 2, 2.
- egara esta mulher de que o povo não gosta — 2, 1.
- indica que o mal pôde estar na bolca — 2, 1.
- i que Nero foi um mau homem Roma sentiu a sua malada — 2, 1.

Diffusão:

En, como dizia Cicero, conquistando ten'a o heriamo de sofrer as offensas, tambem tenho o meu bocado de amor proprio. — 2, 2.

A pá, que descompunou um papel tão importante na batalha de Aljubarrota, já deve estar velha. — 4, 1.

N.º 29

Charada em verso

Já fiz elevar a voz ( 1  
No antigo cantochão. ( 1  
Hoje em dia pouco valho, ( 1  
Mas outr'ora fui pimpão. ( 1

Eu venço todas as coisas  
Segundo diz o latim,  
Empuando deitar o mundo  
O meu poder não tem fim.

N.º 30

Charada emblematica em quadro

Por letras

L \_ \_ \_ 1, 2, 7, 8  
\_ \_ \_ 2, 3, 5, 9  
\_ \_ \_ 7, 6, 7, 8  
\_ \_ \_ 8, 5, 6, 4

Na verso:

N.º 31

Carta enigmatica

III.º e Ex.º de.

Apresso-me a participar a v. ex.ª que a 1, 2, 3, 6 já está publicado, podendo realisar-se o maris projectado; portanto venha acompanhado de seis 2, 3, 10, 7, 5. Não recite passar o 5, 4, visto que é habili em 7, 3, 8, 10, 9. Espero muitas % 10, 5, 3, 1, e até virá a minha 4, 3, 3, 8, 10 e formosa. 1, 4, 9, 6, que deve trazer cor de 1, 10, 4, 1, 2. A carta termina com o 8, 9, 6, 5, 9 em que lhe falou o amigo 3, 2, 9, 4.

De V. Ex.ª etc.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

N.º 32

Enigma

Supressão de consoantes:

o. ue. ei. s. o. a. — a. o. i. a  
2. a. e. u. s. e. — ia  
e. u. do. e. o. da. e. p.  
— a. o. si. e. u. l. a. s. o. e.  
— a. u. o. e. — e. e.  
e. a. e. u. a. — u. e.

N.º 33

Perguntas enigmaticas

Qual é a ave que pode-lisar missa?

Qual é a ave que pôde dar tino?

Qual é a ave de que as mulheres baixas gostam mais?

Correspondencia em miniatura

Responderemos n'esta logar ás cartas que digam respeito a produções das Horas de Ocio. Pedimos, portanto, as pessoas que se nos dirijam, a fim de designarem na margem esquerda das miniaturas uma ou duas palavras a que possamos referir-nos.

Ha n'esto a maior conveniencia de parte a parte.

ASSIGNATURAS. (Lisboa). — Da melhor vontade aceitamos a offerta da sua collaboração; mas não podemos annuir as condições que propõe. Tal assignatura era um procedimento que, de modo algum nos convem estabelecer.

TERRA EXTERRA? (Lisboa). — Sim, senhor. Para isso delicado convivia acham-se sempre abertas, de par em par, as portas da nossa sala.

F. A. de Mello.

Decifração das charadas e enigmas publicados no n.º 1 do BRASIL-PORTUGAL

Da charada em verso.

Capello.

Das charadas em quadro.

N.º 11

N.º 12

O L G A

L E A L

G A M A

A L A R

Do enigma- N.º 13  
Travessa. N.º 14

Procurar seis cidades hespanholas com a ultima letra da  
quase se forme outra.

Solução

- Tolosa
- Santana
- Albacete
- Lisboa
- Burgos
- Alicante

A das perguntas com que iniciamos as Horas d'Orao in-  
comos recebido diversas respostas, uma do Rio de Janeiro e  
outras das provincias. Começamos a dal-as pela sua ordem.

Ha ovos de animas que augmentam de tamanho depois  
de terem sido postos?

... Arlequim

Nem todos os ovos effectivamente são logo perfritos da  
postura.  
O ovo de formiga, por exemplo, continua a crescer depois  
de ter sido posto. Dá um naturalista inglês, o sr. Clark, que

os ovos das rãs são postos antes de se poder dizer que se ter-  
nam ovos plenamente formados.

Esses ovos são sempre postos debaixo d'agua, e quando  
são primeiro depositados, são cobertos com uma membrana  
muito delgada, mas muito firme, de forma que occupam muito  
pequeno espaço.

Apenas, porém, começa o desenvolvimento, esse invólucro  
começa a absorver agua com espantosa rapidez, de forma que  
em pouco tempo se acham no centro de uma especie de globo,  
e assim se conservam muito distantes uns dos outros.  
São estes os exemplares mais frisantes: ha outros ovos de in-  
sectos e de uma praiça da tribo dos salmões que ainda cres-  
cem depois de postos.

Porto,

Certo ter assim respondido á sua pergunta.

João Mathias.

## ESTABELECIMENTO

DE



LISBOA

Ferragens, Quinquilharias  
BIJOUTERIAS  
Perfumarias finas

Bandas e bordados

Artigos de retrozeiro

BONITO SORTIMENTO

em

Objectos para brindes

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho



## Bobina central

Em machinas de costura é o que ha  
de mais maravilhoso.

É propriedade exclusiva da impor-  
tante e acreditada Companhia Fabil  
«Singer».

A machina **BOBINA CENTRAL**  
reune as grandes qualidades essenciaes de velocidade, dura-  
ção, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO  
105, Praça do Loreto, 107—LISBOA  
Largo do Conde Barão, 36—Calçada da Graça, 10  
111, Rua da Junqueira, 111

### PERFUMARIA BALSEMÃO

Perfumes finos recebidos directamente dos  
principaes fabricantes. Finaissima *Veloutine*  
*Violeta*, fabrico especial para esta casa, a qual  
continua a vender a peso desde pequenas quan-  
tidades. Bonitas caixas com pó de arroz e va-  
rios objectos de toilette. Sempre novidade em  
perfume.

Celestino Balsemão

R. dos Retrozeiros, 141—LISBOA

### Compagnie des Messageries Maritimes

Paquebotts poste français  
LINHA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro,  
Montevideo e Buenos Ay-  
res.

Para passageiros de 1.ª classe  
irã-se com José Antunes dos  
Santos & C.ª, 4, Praça dos Re-  
madores.

Para carga, passagens e todas  
as informações, trata-se na agen-  
cia da Companhia, R. Aurea, 22.  
Pela Compagnie des Messa-  
gies Maritimes—Soc. Toulouze.

## “VIOLETTE ROYALE,” Experimentem

Perfume finissimo para o lenço — FRASCO 850 RÉIS

Armazem de Novidades 90, 1.ª, R. do Carmo LISBOA

### M. Saldanha & Comp.ª

Commissões e consignações, ex-  
portadores de productos nacionaes  
e estrangeiros.

Rua Augusta, 100, 1.ª, E.

Endereço telegraphico—1180—LISBOA

Gravura de sellos d'armas,  
brazões, monogrammas, para mar-  
car com tinta, em laço ou alio relevo. Cartuchos de  
borrachã e de metal em todos os generos. Es-  
pecialidade em bilhetes de visita. E. E. de Con-  
ta—gravador, successor de Piquetredo—gra-  
vador da Casa Real.

Casa fundada em 1819

157, Rua do Ouro, 159  
e R. da Victoria, 98 e 100 (junto á Espreje)

### Antonio Nicolau d'Almeida, Valle & C.ª



Marca registada. Casa fundada em 1870.

Escritorio:

Rua da Porta do Sol, PORTO

Grandes depositos de vinhos de  
todas as regiões de Portugal.  
Vinhos premiados em todas  
as exposições a que tem con-  
corrido

### Empreza Nacional de Navegação

Carteira quinquenal para a Costa d'Africa Occidental

Sabidas a 0 e 21 de cada mez, tocando nos  
seguintes portos:  
Madeira, S. Vicente, S. Thago, Principe,  
S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire,  
Ambrizette, Ambriz, Louanda, Novo Redondo,  
Benguelim, Moçambique, Porto Alexandre e  
Bahia dos Tigres.

N. B. — Os passageiros que sahem a 0 não fa-  
zem escala por Santo Antonio do Zaire, Am-  
brizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexan-  
dre e ao dia 21 por Madeira, S. Vicente e Prin-  
cipe.

Rua da Prata, 8, 1.ª



## Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNecedores DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 150, 152, 154 e 156 — LISBOA

Prontissimo com a maior brevidade, qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confeção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a sua qualidade, perfeição e modicidade de preços.